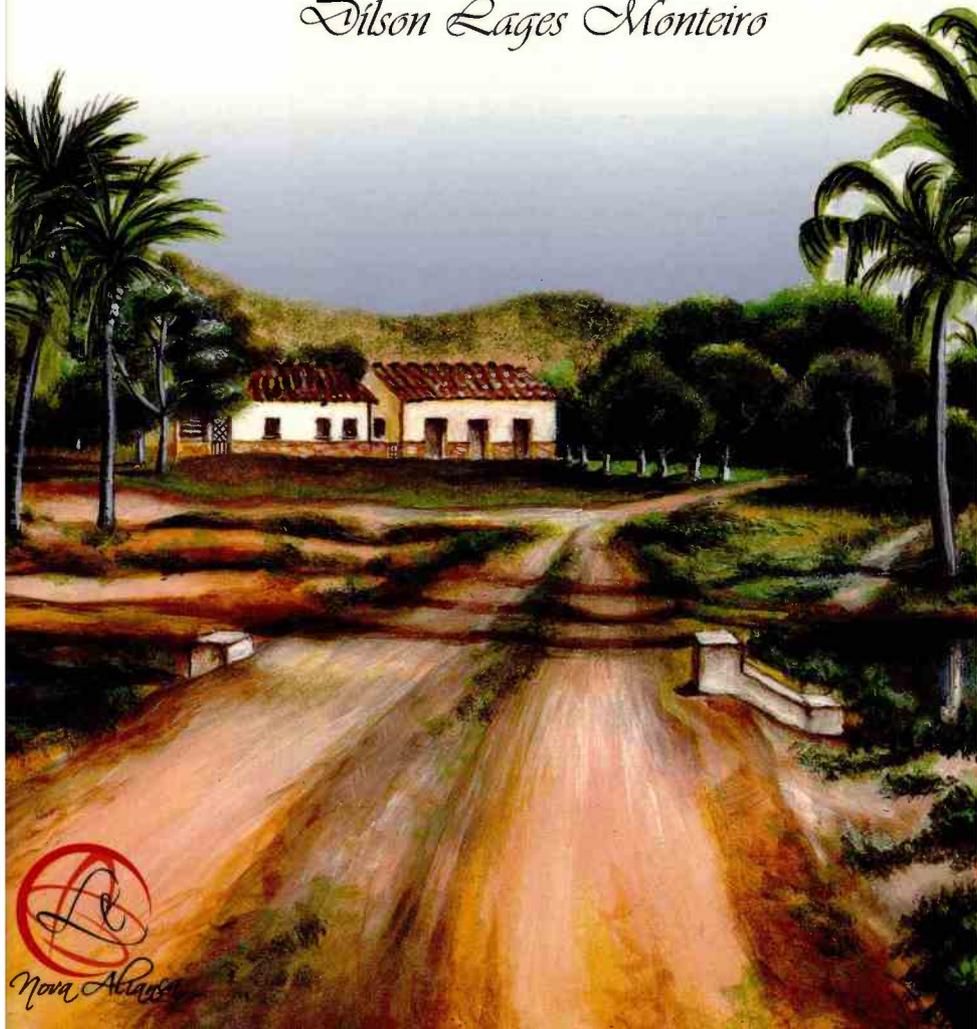


O morro da casa-grande

Dilson Lages Monteiro



O morro da casa-grande

Dilson Lages Monteiro

Este romance ambienta-se em Barras-PI, em meados do século XX, quando a vida ainda era essencialmente agreste. Cidade e campo praticamente se confundiam e as distâncias pareciam não ter fim. As fazendas ainda estavam de pé como elemento concentrador de renda, mas o modelo socioeconômico já dava sinais de ruína.

Começava a se formar um aglomerado urbano mais vigoroso, mas negligente às tradições e ao patrimônio cultural. Agredia-se, no silêncio da omissão, a identidade de um núcleo populacional fundado entre a fazenda e a igreja.

Os costumes da vida rural, a infância, a velhice, a morte, a desigualdade social e a fé são alguns dos temas pelos quais transitam Genésio, Marciano, coronel Custódio, coronel Alberto e outros personagens vigorosos em emoção.

O MORRO DA CASA-GRANDE

Do notável poeta Soares Fátima
com a mais profunde administração e apuro do
Dilson Luiz
Te. 16.05.2010

BIBLIOTECA CURURU: Este livro não é para guardar.
É para ler e passar adiante. Deixo-o, "perdido", na
próxima esquina, no banco do jardim, na cadeira do
consultório, de modo que outros possam ler. Veja
como é, uma campanha do Jornal de Poesia:
www.jornaldepoesia.jor.br

Dilson Lages Monteiro

O MORRO DA CASA-GRANDE



Teresina - PI
2009

© Dílson Lages Monteiro – 2009



Livraria Nova Aliança Editora
Rua Olavo Bilac, 1259,
Teresina-PI, 64001-210
(86) 3221-6793

livrarianovaalianca@hotmail.com

Contato com o autor –
Av. Pedro Almeida, 60,
Sala 21, São Cristóvão,
Teresina - PI, 64052-280
dilsonlages@uol.com.br

Editores

Dílson Lages Monteiro
Leonardo Dias

Capa
PA Net

Imagem Capa
Ângela Rêgo

Revisão
Luiz Filho de Oliveira

Projeto gráfico
Andréia Galvão

Impressão:
Nova Expansão Gráfica e Editora

Ficha Catalográfica: Solange Hiller Herthz Santos Bezerra CRB - 1058

B869.3 Monteiro, Dílson Lages.

M772m O morro da Casa-Grande : novela / Dílson Lages
Monteiro. – Teresina, 2009.
128 p. : il.

1. Literatura Brasileira – Novelas. 2. Literatura
Piauiense – Novelas. I. Título.

CDD B869.3

Todos os direitos reservados de acordo com a lei nº 9.610, de 19/02/1998. Nenhuma parte deste livro pode ser fotocopiada, gravada, reproduzida ou armazenada num sistema de recuperação de informação ou transmitida por meio eletrônico, sem o prévio conhecimento do autor e dos editores.

Impresso no Brasil

*A Gonçalo Soares Monteiro (em memória)
e Rosa M^a. Pires Lages
A Aldairis
Ao Dário, Décio e Manoel
Aos pequeninos Dafne, Gonçalo e
Maria Eduarda*

Agradecimentos especiais

Obrigado a Rogel Samuel pelas lições de criação literária, que despertaram em mim o escritor de ficção.

Obrigado a Aldairis pela paciência em ouvir e comentar cada capítulo.

Obrigado ao Dário pelo auxílio indispensável na coleta de material da memória oral.

Obrigado a Afonso Ligório Pires de Carvalho e Edgardo Pires Ferreira pelos ensinamentos sobre a história de Barras.

SUMÁRIO

1	CHÃO EM ARDORES	13
2	O CRISTO DE BRAÇOS ABERTOS	16
3	GENTE GRANDE?	21
4	A NOITE VIVA NOS CORPOS	25
5	ABÓBODA DE FOGO	29
6	ESTRELAS A PERDER A CONTA	33
7	TONHO PRETO	37
8	SEMIESCURIDÃO	41
9	SANGUE DA TERRA	43
10	SOMBRAS DO INDEFINÍVEL	46
11	LADAINHA	49
12	AS PAREDES DO CEMITÉRIO	53
13	OS OMBROS CURVADOS	57
14	DEBAIXO DO PONTIÃO	62
15	A CADEIRA SOBRE O MORRO	66
16	A FRANGA PEDRÊS	71
17	A NOITE VIRAVA BICHO	74
18	BRINCAR E OLHAR	77
19	OS DEDINHOS NAS FOLHAS DA JANELA	80
20	AS AMÊNDOAS DE BABAÇU	84
21	A LEI DA NATUREZA	87
22	O DESARRANJO DA FAZENDA	91
23	GENTE QUE MANDAVA	95
24	A CIDADE DE ÁGUA NAS VEIAS	100
25	DEUSIMAR, DEUS E O MAR	106
26	O ALTAR-MOR DA MATRIZ DE BARRAS	110
27	O COVEIRO DO CEMITÉRIO DA CONFRARIA	117
28	CRISTO EM PÓ	122

“As casas nascem, vivem, adoecem e morrem, como as pessoas. Muitas duram menos que uma vida comum. Outras têm o privilégio de durar séculos, mas acabam morrendo também.”

(Carlos Drummond de Andrade, “A matriz desmoronada”)

“Eu tive sempre com o povo, com esses humildes, esses desprotegidos pelos donos do poder.”

(Patativa do Assaré em depoimento ao filme “Ave Poesia”)

“O que quero dizer com isso tudo? Que a literatura é assim: mentiras que contam verdades. A melhor maneira de mostrar as realidades que a realidade oculta. Os mundos que se escondem de nós, mas estão neste mundo em que vivemos.”

(Eric Neponuceno, “Quando a mentira é verdade”)

- 1 -

CHÃO EM ARDORES

– Aqui o Marataoã parece que saiu do lugar – repetia a balconista, com o leque nas mãos. O leque dançando, dançando, ao som seco e abafado do vento. O leque atritando o ar em coreografias.

O rio já baixava o curso d'água. Dali nem se necessitava atravessar as figueiras, nem descer rua abaixo até a margem... Dali se via a bola de luzes queimar os olhos e deitar o fogo do céu sob a lâmina d'água. O mesmo fogo que ruborizava os corpos e confundia a visão da manhã.

Ao longe, a vidraça do balcão balançava-se aos raios de estio. A encomenda no colo da sinhazinha, a conversa no quadro do mercado, o passeio-montaria em cadência, nos passos do Alazão. Ele chegava à Farmácia Alves, o ponto final, de onde a viagem renasceria até o deslizar do sol nos cabelos das carnaúbas. O sol sumindo nos babaçuais, derretendo-se no chão em ardores.

– O que leva hoje para o patrão? – perguntou Florisbela, alargando o sorriso que não cabia nos olhos. Como vai a gente da Fazenda Aurora? – emendou a pergunta.

– Já despachei tudo que trouxe na casa do Major e hoje ele pede biotônico com aguardente.

– Biotônico com aguardente... Só um frasco?

– Dois. Os netos do coronel vão beber tudim. O mais branquelo tá de fazer pena. Acho que num vinga. Defeituoso de nascença... Sei não, sei se vinga.

– E a fazenda? Não me falou da fazenda. Ainda tem muita água nos buracos? Aqui, o Marataoã parece que saiu do lugar... Nem a fresca da noite dá o ar da graça.

– Dona Flor, a segura tá grande. Pananã fala pro mundo escutar: a onça bebe na Vertente inda em setembro. A dona Alzira, pegada lá na farinhada. A casa em festa com a parentada e a gente chegada da cidade. Não me demoro hoje, que carrego remédio e bilhete urgente pro patrão. É carta da fia mais velha.

– Pois vá em paz, seu Genésio. Lembrança para dona Alzira.

– Té mais ver... Boquinha da noite, assunto o morro da casa grande.



Tibor Jablonsky

Praça Senador Joaquim Pires – 1957



Autoria desconhecida

Igreja Matriz de Barras (PI), demolida em 1963

- 2 -

O CRISTO DE BRAÇOS ABERTOS

Entre Florisbela e Genésio, estabeleceu-se silenciosa distância. Cada qual agora, para o espaço que a vida lhes reservava. Florisbela, à cadeira atrás do balcão, de onde ouvia o cair das folhas secas das figueiras. Genésio, ao caminho do Paquetá, onde tragaría o pó fino da tarde nas narinas ressequidas.

Aos primeiros trotes do Alazão, o agricultor percorreu os olhos em cada canto da praça central... O centro ficava em um morro de onde lenta declinação ligeiro se ia agigantando e arremessava a curiosidade ao rio e às curvas sinuosas da rua torta, a Rua da Tripa; a rua que um dia se chamou José Antônio Rodrigues, sobre quem Genésio, com o peito extravasando o ar, não cansava de repetir: “O bisavô do major!”.

Sim, dali avistava o rio: nele, viu o derradeiro banho no festejo – as margens se cobriam de pau-d’arcos, de araçás e de rasteira vegetação, enfeitados pelo bico das seriemas na água morna, entrando-saindo com o dourado prisioneiro, ou pelos porcos esparramados na lama.

Tratou de apressar as rédeas; não sabia explicar, mas uma energia, embora a noite tivesse passado na travessia entre a cidade e a fazenda, pulsava em si, e percorreu os contornos do Cristo de Braços abertos no topo da igreja; o Cristo protegendo firmemente o Marataoã. A imagem ficaria por lá, no alto, a vida toda, garantindo a abundância luminosa das águas. Santo é alma boa que Deus conservou pra proteger a natureza e os desamparados...

Esquadrinhava cada detalhe da igreja. O cristo entre as duas torres. As dez portas laterais. As janelas a perder a conta, no alto da elevação. O centro, como a Fazenda Aurora, num morro. Grandeza de gente superior? A fazenda do dono das Barras do Marataoã um dia fora ali, ao lado direito da igreja. As reses gordas dele, contadas no curral, onde se ergueu o Patronato. Dona Alzira sabia de muita coisa.

Genésio estava mesmo curioso para meter a vista no que ouvira falar à porta da bodega do Vítor Lopes, assim que entrou na cidade: queria ver se a estrutura realmente não sustentava mais o peso dos anos. Naquele 1957, algumas rachaduras de cima abaixo levavam o povo a dizer que a igreja despencaria. O homem não acreditava nisso, não somente porque era temente a Nosso Senhor, mas também porque ela estava ali para

quase cem anos. Por que agora iria cair? Pura imaginação do povo.

Esquadrinhava a igreja quando o corpo pediu um trago de cana boa. O quiosque no centro da praça acendeu a coragem, e Genésio cavalgou como se tocasse os bois da fazenda. O vendedor, no quiosque, recebeu com sorriso aberto o peão.

– Vem de onde, peão?

– Da terra de seu Custódio. Pra esfriar essa manhã, o siô me serve uma dose de pinga presse caboclo?

– Volta hoje? Tenho encomenda pro Chico Castelo e não encontro mensageiro. Com a estrada do jeito que anda, não sai caminhão pro Mocambo, não, não sai. Sei que é da confiança de seu Custódio, e passa no terreiro do coronel Castelo. Não quer levar essa encomenda, não? Mas tem que ser com muito jeito. É carta do coronel Jofre.

– Pois vai com jeito. Ainda mais sendo prum homem da valia de seu Chico.

Pôs a carta num saco, amarrou as pontas dele para que o suor, na cavalgada, não atingisse as letras preciosas, para não ser repreendido. Isso não. Não era cabra de ser repreendido; sempre soube ser bem mandado.

Do Quiosque, ainda sentindo a queimação na garganta, ainda ouvindo o borbulhar da pinga destilada nos alambiques de Nezim, ele decidiu

tomar benção a Nossa Senhora. Subiu o entorno do adro e percorreu o lado direito da igreja de uma ponta a outra, avistando em linha reta o irmão do governador, em estado de permanente contemplação, na outra extremidade do quiosque.

Nem se dera conta do homem ali. Quem ia dizer, o irmão do governador. Ele conhecia o irmão do homem que mandou em tudo pra mais de dez anos; ele e um tal de Getúlio. Para o irmão do homem, entregava as mensagens no correio. O magrinho corcunda telegrafava para Parnaíba, onde morava, de junto dos cunhados estudados, o filho mais velho do patrão.

Com Pedro dos Correios, ele trocara algumas palavras e, um dia, mesmo conhecendo seu lugar, com ele, em companhia do major, tomara um copo de cerveja, à sombra das árvores, no bar de Totonha. Um homem simples como a poeira vermelha dos chinelos, mas irmão do governador.



Em desenho de Netto

José Antônio Rodrigues

- 3 -

GENTE GRANDE?

Entrou na casa santa já se ajoelhando. Braços erguidos, chapéu no ladrilho de tijolos – o cheiro de incenso colado nos bancos de madeira; nos santos quase vivos; na imagem do filho de Deus pregado à cruz; no altar-mor em que multidões se ajoelhavam em dezembro. Entrara pela lateral do templo, mas sairia pela porta da frente, para pedir saúde e sorte à família, a não padecer de alguma praga se o ano fosse de campos secos e sóis puxados...

Quando se dirigia à porta de entrada, voltou a curvar-se para a lousa na parede, à lousa que no festejo dona Alzira, tataraneta de homem tão importante, sem esconder o contentamento, leu explicadamente para a gente da fazenda e, à memória dele martelava, quando entrava ou saía da igreja:

*“Aqui jaz José Carvalho de Almeida,
o benfeitor desta paróquia”.*

Gente grande? Gente que mandou. Gente já esquecida na poeira com que o tempo sepulta. Quando tivesse com os netos crescidos... iria

contar tintim por tintim dessa história. A mesma, que tantas vezes a avó do coronel lhe contara debaixo das frondosas galhas do pé de sapucaia da Aurora.

Trilhando vagarosamente os anos passados, Genésio pressionou a sela no lombo do animal, prendendo-a com justeza, e passou o pé no estribo. Descer do Alazão, somente para organizar alguma bagagem, entregar a encomenda de Chico Castelo, beber água ou acaso as exigências do percurso...

Atrás da Casa de Nossa Senhora, na bomba de gasolina, o coronel Alexandrino – este, sim, coronel de nomeada – abastecia o Jipe, talvez no aperreio característico de sua pessoa. Criaram-se juntos, quase irmãos – laçavam bodes, brincavam em cavalinhos de carnaúba, caçavam preás nos pés das serras. Alexandrino viu que estava sendo observado e, levantando a cabeça em riste, gritou:

– Fala, cabra!

A fala do irmão do patrão foi o suficiente para sentir que começava a se atrasar. Definitivamente, firmou-se no cavalo. O regresso se faria como programado. Cumprira todas as ordens; até as riscou imaginariamente no canto da cabeça, onde supunha os dizeres do coronel se estendiam até a rígida execução de cada mandado. Ali se arquivavam. Ali as quebrara como fazia com o babaçu da ponta do machado...

As determinações, quebrou-as uma a uma... com a lâmina afiada da severa presteza herdada do pai, do avô, do bisavô e de todos os antecedentes – vaqueiros de laços firmes, agricultores de extensas braças, jagunços de vencer desaforos e acertar o alvo com única bala.

Genésio passou as ásperas mãos no rosto, raspou o suor com o dedo e sacudiu-o para o chão. Tirou do bolso o fumo; tanta a pressa, tantos os encargos, esquecera-se de debulhar o fumo de corda e acomodá-lo no papel de embrulho, tragar a fumaça cortando o peito e admirar a paisagem em alívio, mesmo a pele se queimando pelas sucessivas cavalgadas na quentura da manhã. A quentura alargada pelas ruas poeirentas da cidade – da casa do coronel, a quem chamava de major, ao mercado e finalmente à Botica, a hora era o sopro no bico da lamparina, antes de dormir: o relógio não funcionava como na fazenda de noites e dias compridos como a vida inteira.

Tinha pressa e, quando tomou tento, depois de cruzar a Rua Grande, encontrou Augusto e Antônio Preto. Os cavalos alimentados; os jegues enfileirados. Homens e animais prontos para a travessia da mata.



Tibor Jablonsky

Rua do centro de Barras(PI). A segunda edificação, hoje demolida, era o Teatro Municipal.



Tibor Jablonsky

Busto do Mal. Pires Ferreira em Barras (PI) - 1957

- 4 -

A NOITE VIVA NOS CORPOS

Ao longo do horizonte, na descida do morro da Rua Grande, último vestígio de casas, os homens, livres das bagagens, sorriam para as moitas secas que os observavam. Nem o sopro ardente do sol, confundindo as pálpebras em ondas de calor, desanimava-os. Tomariam o trago no pé do balcão, abasteceriam os cofos do que matasse a precisão e descansariam o corpo, sentados nos terreiros, curiando as estrelas ou se embalando no tucum, na umidade das casas de palha.

Boquinha da noite no morro da Aurora, coronel Custódio acomodado na cadeira de couro e, na certa, prosa com o patrãozim Alberto, que aproveita o saldo dos dias largos. Se vivesse mais uns dez anos, contaria netos e bisnetos como as reses no pasto. Perdiam-se em saudades os três homens criados para servir. Trabalho não lhes faltava; fosse na roça, fosse no curral, fosse no sítio de mangas... Chegar o mais rápido à fazenda era o que mais queriam. Dar as tarefas finalmente por cumpridas, abraçar as companheiras e as crianças, estirar o corpo na rede.

A uma légua da cidade, à altura do campo de pouso recém-construído por Chico Luiz, os animais descambaram em disparada, no ritmo certo da viagem. Iam vencendo o mato seco e as raras casas metidas na caatinga e nos cocais. Cruzaram o Buritizinho, o São João, os Mimosos e aportavam no Mocambo, onde coronel Chico Castelo ansiava pela carta do irmão.

Genésio e os companheiros espreguiçavam os músculos enrijecidos pela noite em claro. A noite tocando os animais ou montada no lombo deles. Na subida ao morro do Mocambo, perceberam fraqueza no arrastar dos cavalos, à frente da tropa de jegues. Eles também sentiam a rotação madrugada adentro. Homens e animais careciam de descanso. Meia hora que fosse. A noite em claro ainda trazia para eles o zumbido dos bichos e a vista borrada, e os homens voltavam a se espreguiçar.

A noite fora vencida, mas ressoava viva nos corpos de cada um. A noite em claro, em torno da lua, voltava de quando em vez na letargia das ações e nos olhos semiabertos dos tropeiros. A noite tão carregada de farinha, arroz, macaxeira, feijão, banana, carne de bode curtida e outras iguarias, que nem se deram conta de ver tantos jacás nos lombos dos animais. Tudo entregue diretamente para a patroinha.

Genésio e os amigos esticaram as pernas rumo ao chão e caminharam em direção à casa-grande, com pisadas seguras; pisadas para acalmar o sangue quente, quase a sair pelos poros, e refugar o adormecimento dos músculos, que palpitavam às horas em semelhante posição. Apearam dos cavalos e dos jegues nos mourões ao lado da venda e se encostaram a ela, acanhadamente, como se procurassem esconder-se. Coronel Chico Castelo, braços cruzados à frente do balcão, questionou:

– De passagem, cabra Genésio? Vamos se aproximando...

– Não senhor, coronel. Quer dizer, de passagem, e trago encomenda pro senhor. Encomenda do coronel Jofre.

– Pois me dê aqui essa danada...

Chico Castelo entrou para um dos cômodos da casa de muitas portas e janelas, gritou por Lídia. Ela, certamente na cozinha, absorvida nas ordens às empregadas, diante do forno de lenha e dos tachos que ferviam a comida dos trabalhadores, há dias no aceiro do arame, no sítio de laranjas.

O verão daquele ano castigaria os bichos e o povo temia o que pudesse acontecer. Ainda era julho e o sol já abria fendas no chão. Seria calor de ferver os miolos e ano de fome. A inquietação

dos trabalhadores, de assombrar, refletia-se em gente já procurando o lugar das roças. Muitas braças de milho e arroz. Muita colheita, se a chuva viesse.

Lídia arremessou a cabeça no peitoril da janela, entre o quarto e a ampla sala de estar, e com olhos de espanto, inquiriu:

– O que houve, homem? Me chama?

– Minha querida, Jofre manda avisar que vendeu o gado. O dinheiro já está no banco da capital. Se for ano de seca, como parece, não perdemos as vacas vendidas, ao menos, nem teremos privações.

Nem aguardou as palavras da esposa, que sozinha pôs-se a conversar, e retornou para a venda, oferecendo copo de cana extravasado aos tropeiros. Antes de beberem, antes de remexerem a cara em típica careta e antes de cuspirem longe a saliva embebida de álcool, pediram água. Logo desciam o morro. Apenas alguns minutos entretidos na conversa do coronel e na curiosidade da caboclada e pronto. O poço, a poucos metros, fornecia o líquido às moringas, guardado cautelosamente para toda a viagem. Não parariam sequer a fim de colher água em alguma cacimba na beira da estrada ou em casa amiga e à noitinha subiriam o morro da Aurora.

- 5 -

ABÓBODA DE FOGO

Os homens sentiam a proximidade da terra vermelha em que pisavam nos invernos curtos, nos verões longos. Sentiam-na se expandir no movimento dos rostos, que, involuntariamente, produziam risos silenciosos. Até o ar quente da brisa nutria fagulhas de alegria. A poucos minutos, galgariam o morro da casa grande.

O olhar adiante encorajava para, com pressa, tocar os bichos. A abóboda de fogo se deitava entre as palhas das palmeiras e embebia de claridade os três servos do campo. Na ladeira do Abinadá, a vastidão do sol os diminuía. Menores mais ficavam à proporção que subiam os lajedos do morro da morte, como rotulava Genésio a ladeira que tanto medo metia na gente da mata.

A zonzeira girou em volta de Antônio Preto; nem se deu por si no chão, a rolar na piçarra quente – o corpo tombando até esbarrar na alvura do bloco de areia. Piçarra e areia, unidos pela força do inverno que cunhou as mãos na ladeira, agora quase intrafegável. A ladeira quase sempre

repetindo a história da tragédia, de muitos mortos debaixo do caminhão na gruta do precipício; a tragédia a manchar a paisagem onde se escondiam os fantasmas da imaginação.

Genésio e Augusto, assustados com o súbito passamento, pularam dos cavalos em socorro ao amigo. Tonho Preto bebera café fornido, com bolo à vontade e beiju da hora, preparados pela própria patroinha na cidade; pela própria, que os recebera com mesa farta como se há anos não os visse. Ele comera gamela reforçada de Maria Isabel, reforçada com carne de bode curtida. A gamela por cima: os olhos acesos de gula e, despejada a farinha, logo raspava a colher no fundo do tacho de madeira. Fome não era.

O comandante da tropa entreolhou com ar de dúvida incompreendida. Que diacho dera em Tonho? Desfalecido, ensanguentado, paralisado como caça acuada. Braços abertos, o tronco inteiro certamente machucado depois do atrito com as minúsculas pedras pontiagudas; mas morto não estava; morto, não. A comida não digerira direito, só haveria de ser isso. A refeição às pressas para correr e abraçar a gente em casa antes de a noite declinar. Que mais haveria de ser?

– Vixe, Nossa Senhora, despeja ligeirim essa moringa de água no rosto do homem! – orde-

nou a Augusto o timbre ligeiro de Genésio. Tonho despertaria como as malícias se retraindo no romper da manhã – nervosas em seu ensimesmar-se assustado. A criançada da fazenda brincando: “Acorda, malícia! Tua mãe morreu”. A plantinha se fechando – ou se protegendo – para o mundo. Tonho despertava ao toque estranho da água cálida sobre a face, e se fechava para o mundo, e dele se protegia.

Foi remexendo o branco dos olhos até recobrar a consciência, quando correu a vista ao lado e cerrou as pálpebras, para não ver o fundo do precipício a menos de um metro dos braços. Circulava no sangue um frio injustificável para aquele fim de tarde agonizante. O espinhaço tremia há três dias sempre à mesma hora. A febre arrepiava todo o pelo. A gastura rodava na barriga, mas logo, logo minguava. Bastava uma horinha de sono e tudo se sucedia na mais perfeita sintonia orgânica.

Ainda sentado, Tonho Preto ouviu a recomendação de Genésio:

– Olhe, moço, isso é verme. Já vi gente jurar que a doença era grave e nada: verme. A Maria Pó prepara uma mistura pra não ficar nada. Mata tudo e dá uma disposição danada, de derrubar touro pelo rabo.

Nada, não haveria de ser nada. Tonho, ainda cambaleante, tentava segurar, rijas, as próprias

pernas. Não seria na biqueira da fazenda que uma indisposiçãozinha, oriunda de noite mal-dormida, atrasaria o regresso para casa. Joana, depois de dia nos cocos, o velho machado como companheiro, já despejara água na soleira do casebre para baixar a poeira do terreiro, banhara as crianças com o líquido escasso, trazido da cacimba nas cabaças. Ela, de braços esticados, esperando por Tonho Preto.

Ele queria chegar logo. Alisou o rosto com as mãos, retirando dele a mistura de areia fina e piçarra. O velho gibão lhe protegera e as ranhuras não se somavam tantas a ponto de impedir o fim da viagem. Nenhuma fratura. Nenhuma ferida a doer, a tal sorte que não pudesse subir no cavalo e entusiasmar-se:

– Vamo, que a estrada é curta!

- 6 -

ESTRELAS A PERDER A CONTA

O dia ficara nas sombras de cada palmeira. A estrada era agora um filete de lembrança. O tempo dava em definitivo sinais de cansaço; fora enfim encurralado debaixo das selas dos cavalos, vencido pelo curso natural dos afazeres. Tão demoradas as horas; a estrada longa... mas repousava nas sombras das palmeiras. Restava apenas uma curva, e homens e animais tateavam o sabor de tornar ao pasto. Restava uma curva para lhes nutrir de mais forças.

Naquele ponto da viagem, galopavam como cavalos que fogem do curral, nas primeiras gotas de inverno, para reencontrarem a terra-mãe. Maiores que o coração do desejo. Nem o ar tórrido, nem a vegetação preguiçosa, nem os arbustos secos – nada que repetisse a fadiga da mata de árvores, sons e lugares parecidos, nem mesmo a letargia do verão causticante – entranhava neles monotonia. E quando cruzaram a curva da Prensa, a curva a partir da qual apontava a casa-grande, o céu se divisou entre a luz já rareante e a escuridão, que começava a

espalhar seu manto sobre a superfície marrom das árvores; sobre o solo de mato seco e de terra rachada.

Como se comandassem um pelotão de soldados, vindos de uma guerra, vitoriosos, em fila, pisavam no morro da casa-grande, onde coronel Custódio, surpreso, à espera de notícias dos filhos e da cidade, olhando por entre as hastes superiores dos óculos, a cabeça em lenta declinação, cobrou a resposta:

– Chegando cedo, Genésio... Como estão os meus?

– Tudo na santa paz, major. Sua fia manda carta – o homem foi logo tirando o bilhete do saco, os remédios do cofo e esticando a mão até que o chefe os recolhesse. – E diz que não é nada de mais – finalizou.

– Adiantou alguma coisa?

– Não, senhor! Adiantou não.

– Pois vamos apeando... Essa empreitada é só pra cabras de coragem como vocês. Pra cabra de coragem como eu, que tenho é alegria de, vez por outra, acompanhar vocês na travessia da mata. Não é pra qualquer um, não. Mas um dia estrada de vergonha vem. Olhem o que digo. E que tem o Tonho Preto? Tá de paixão nova? Cuidado com dona Teresa...

Um extenso silêncio cortou as interrupções animadas de um ou outro caboclo sentado na

calçada proseando; cortou o voo dos vaga-lumes. Já piscavam-piscavam o verde claro do mato de onde misteriosamente saíam, mais nas noites de estrelas a perder a conta. O vácuo de vozes permaneceu até que Major Custódio entrasse na sala e pusesse a carta debaixo do rádio. Ia já, já, ler, assim que despachasse os agregados.

De lamparina em punho, abriu novamente a venda, trouxe querosene em garrafas, farinha, açúcar, café, fumo e entregou aos homens. Na claridade do dia, acertaria a viagem... Fechada a quitanda, viu que Genésio tinha algo a dizer, que o rosto não escondia:

– O Tonho Preto não anda bem não, major. Teve um passamento na ladeira que pensamos: o homem morre aqui. Num é que inda tá vivo. Gente ruim morre não. Nem mordida de cascavel dá jeito. Nesse aí, com sua licença, nem as meninas da Maria Joana nas Barras dão jeito. Ele disse que tem calafrio. E mais: é nessa horinha... quase todo dia. Anda pruns cinco dias que não segura o queixo de tanto frio.

– Pois me procure amanhã pra conversar. Tenho o remédio. Vai tomar dois comprimidos. Se der jeito, está mesmo é com sezão.

– Será, patrão ? – perguntou Genésio, olhando fixamente para a cara de assombração de Preto, àquelas alturas já se imaginando muito doente.

Genésio tinha muita fé era na garrafada pra verme da Maria Pó. Cachê muitas das vezes era só enganação... Casca do mato fazia o que nem médico da cidade curava. O doutor mandara Chica Boba morrer em casa, um sacramento danado, e ficou boa, boa, tomando ameixa com aroeira e pó de babaçu. Casca do mato curava.

- 7 -

TONHO PRETO

A noite ia encorpendo-se. Os cavalos amarrados no mourão, no canto da quitanda. Genésio ainda nas explicações ao patrão. Antônio Preto encaminhava os jegues para o curral, onde o milho nos cochos já os esperava, e sentou-se na calçada em fixa atenção ao senhor das terras, ao senhor a quem obedecia sem hesitação desde rapazote, quando desceu do navio-gaiola em Marruás, fugindo da morte que trazia nas costas, fugindo da morte na beira do Igaráçu.

Era grato desde o dia em que, sem rumo, faminto e desesperado, conheceu a esperança de uma nova vida no homem de panos passados, voz entre calma e severa; no homem que, negociando à margem do Parnaíba, não voltava atrás em nada do que dizia.

Antônio Preto contou toda a história... O dia em que conheceu Luizinha, a festança do casamento, as alegrias na vendinha do mercado de Parnaíba e até a maldita cena de encontrar a casa pelo avesso. Seu Custódio de olhar fixo na conversa; rápida, a exclamação:

– Trabalho na fazenda não vai faltar! Mas tem que resolver tua dívida com a justiça. Uma hora tem...

– Coronel não me entregue, não, não me entregue, não... Que já apanhei demais dos guardas de polícia. Se não consigo fugir, já tava em alguma cova.

As recordações de Antônio se interromperam ao mirar fixamente o patrão e ao lembrar o recado no balcão da quitanda:

– Não era para falar mais do passado... nem em pensamento.

Estava proibido de falar nisso. O patrão era homem da lei, homem justo; mas deixou Preto ir ficando, ficando, até que conquistou a confiança de todos. Conquistou logo a confiança, porque trabalho, fosse o que fosse, estava pronto. Era da confiança do patrão, de dona Alzira e, para não se alegrar com a presença dele, só se estivesse lelé da cuca.

Os galos mal cantavam direito e ele já apanhara as fezes do gado no terreiro da fazenda, deixara as vacas prontas para tirar o leite e, enquanto o patrão se embalava no tucum em conversa com o coronel Alberto, atentos aos sons da madrugada, Tonho puxava água no poço e enchia os potes nas bilheiras; enchia os potes de água para matar a sede e para cozinhar.

Como coronel Custódio tinha um coração grande, que tanto os de longe quanto os de perto viam transparente, torcia que Tonho nunca fosse reconhecido por algum desafeto. Na Aurora casara, na Aurora tinha filhos, na Aurora morreria... Era assassino para limpar a honra, mas disso ninguém tomaria conhecimento, só mesmo sabia Genésio, que acompanhava o patrão no dia da graça de Deus em Marruás.

Os sentidos ali se perdiam nas palavras distantes da caboclada em derredor, embora tão próximos estivessem todos. Tão próximos à dezena de homens, afora os meninos curiosos, mas Preto nas reminiscências:

– Nunca fale da casa pelo avesso. Bem que poderia ter apenas largado a condenada. Pra que castigo maior? Mulher largada, mulher largada...

A escuridão já sentava nas folhas das mangueiras, nas raízes do pé de sapucaia, nos tijolos da calçada e nos olhos que não se fixavam em nada, porque a semiescuridão era o nada...

Genésio, Tonho Preto e Augusto, o qual nada dissera, tamanho o cansaço, desceram para o caminho de casa, cada um ao seu canto, em rumos diferentes da fazenda. O major conversando com os demais, que ali estavam, desde quando fechara a venda. E não se falava noutra coisa a não ser na farinhada e no verão puxado...

Coronel Alberto, na cadeira de balanço,
mudo. Mudo como se o mundo fosse amargo.
Mudo de saudade. Mudo da vida que habitava
em si desde que se mudara para a Aurora. Mudo,
no morro da casa-grande.

A noite ia encorpando-se. Maior que o
coração do desejo.

- 8 -

SEMIESCURIDÃO

A noite se encolhia nos cômodos da fazenda. Espalhava-se a gente entre o recolhimento dos quartos e a casa do forno, onde a farinha, brevemente saída da chapa de cobre, queimava a atmosfera ora de um odor entre podre e doce, ora de um azedo que molhava a ponta da língua e pregava-se ao paladar. Um azedo refletido nos cochos, por toda a área da cobertura de palha.

Coronel Alberto olhava as deformações da semiescuridão – o caminho tomado de sensações inexatas: as altas palmeiras, os preguiçosos cajueiros, a sinfonia dos insetos; tudo sumia, tudo aparecia, tudo abria outros vazios. O velho coronel conversava com o morro a história de muitas histórias, enquanto Custódio, na antessala, apressava-se em decifrar os desenhos das letras da filha, em preocupação antecipada. Genésio escondera alguma coisa. Pra não contrariar. Era mesmo homem de confiança; de confiança...

Custódio puxou a lamparina ao canto da mesinha à direita da cadeira de couro. Inclinou-se à frente. Uma mão circulando as hastes dos óculos; a outra balançando a correspondência à

procura da posição certa, onde o papel se assentasse legível:

“Barras, 25 de julho de 1957.

Papai,

Espero que esta encontre todos na saúde de Deus. Espero que os meninos não estejam se excedendo nos banhos de açude ou no Tanque; se tiverem, castigue-os e mande os travessos de volta para casa. Em Barras, os manos vão bem. Sua caçula Berenice ficou alguns dias com febre de garganta, mas tudo resolvido. Não falta nada, não, e a carga trazida por Genésio é suficiente por um mês. O Carlos é que vive jogando peteca na figueira e não tem quem impeça. Tem é recebido castigo da professora Conceição Moraes. Coisa de menino. Um bom puxão de orelhas do senhor resolve.

Mas escrevo para avisar que tem filha sua (vou adiantar sem autorização dela) querendo casar. O namorado, que o senhor bem conhece, vai pedir permissão para ir à Aurora falar com o senhor ou que o senhor o receba na casa de Barras quando vier negociar neste mês. Diga à mamãe que não se preocupe: todos os dias vou ver como andam as coisas na casa. Não falta nada. Aqui só se fala que a igreja vai cair. Vovó, num pé e noutro com essa história.

*Um abraço de tua filha querida,
Margarida”*

- 9 -

SANGUE DA TERRA

Custódio revisou o percurso das letras, para pescar alguma palavra oculta; notícia que a filha mais velha não ousara dizer por temor de despertar preocupações. Temor de que a distância dos filhos pudesse acrescer receios e aflições. Releu assoletrando o eco das sílabas até se convencer de que nada de fingimento ali se encravara. Já via com tristeza a ausência futura da filha a supostamente casar, se ele o permitisse. Pelo menos mais netos correriam em derredor às extensas mesas da casa-grande. Mais netos como reses no campo... Com quem haveriam de parecer? Que fosse com gente sua!

O impacto das notícias da família na cidade se interrompeu, acompanhado de tristeza verdadeira, às pressas, nos calcanhares do povo da cozinha, quando uma das criadas, esbarrando nas cadeiras da sala, entrou de supetão:

– Seu Custódio, corra na casa de farinha. Cremílson é desaparecido. O homem, coitado, não é visto da hora do galo de ontem. Vixe, minha santa... o desespero tá grande pras bandas da

Cigarra. Dona Marieta é quem manda avisar. Zé do Alcides diz que a sinhá chora como menina – comunicou Emília, depois de abandonar os cantos dos tachos no forno de barro e atropelar, porque o mandado era urgente, até a autoridade de dona Alzira, já concentrada no sagrado terço, em frente ao oratório.

Coronel pôs-se de pé em silêncio. A carta da filha, caída ao piso como as folhas mortas da caramboleira no jardim. Secavam as letras no papel; secavam, pequeninos pedaços de galhos arriados em abandono. A correspondência, agora curta, em meio à urgência da hora. O sangue subiu-lhe às unhas e nós na garganta aflagiram-no. Os olhos umedeciam. Logo abriu a porta da cozinha e, de lá, gritou aos quinze metros que o separavam do forno de farinha:

– Ê Chaga! Ê Chaga! Ê Chaga!

– Nhô chamou? Tô aqui – respondeu o homem, antecipando-se, ao centrar a atenção nos gestos desesperados do coronel. – Nhô chamou, vou selar o cavalo.

– Me sele o cavalo. Junte aí uns homens e me chame o Genésio.

Um silêncio embargado calou o chiado do grito do coronel no fundo do poço. O poço, no meio da reta entre a casa de farinhada e a cozinha. Calou a curiosidade dos agregados e da parentela

da cidade em torno do forno; calou o barulho dos grilos e bichos todos da noite.

No arrastar de chinelos de Custódio, no arrastar pesado, ouvia-se o esboço do inesperado: olhos mudos, goela apertada, fala espremida. Ouvia-se o íntimo repetir em peleja para pensar no contrário:

– Tem mancha de sangue no chão da Cigarra. Pobre de minha prima! Sangue no chão...

A noite se encolhia, sufocada entre a terra e o céu, na quase certeza do que se anunciava.

BIBLIOTECA CURURU: Este livro não é para guardar. É para ler e passar adiante. Deixo-o, "perdido", na próxima esquina, no banco do jardim, na cadeira do consultório, de modo que outros possam ler. Veja como é, uma campanha do Jornal de Poesia: www.jornaldepoesia.jor.br

- 10 -

SOMBRAS DO INDEFINÍVEL

O sumiço de Clemilson planou como o vento livre dos campos de junho. Naquela noite, quase ninguém tinha mais forças para falar como se falava – falar fazendo a todo momento planos para a hora seguinte – nem forças para trabalhar. A casa de farinhada correndo se silenciou: suspendeu-se na atmosfera como imagem de fotografia a redesenhar a certeza do tempo. Um tempo em cujas evidências todos teimavam em desacreditar. Ele estaria vivo, porque alma boa, que vive para servir, tem lugar certo neste mundo de Deus. Morto, não; morto, não.

Na casa de farinha, os passos rarearam e grande o ajuntamento de gente casmurra no pé do morro. Somente o forneiro teimava em continuar, expressa ordem do coronel. O forneiro mexia a noite mais que a massa, sacudia na chapa de cobre a dor de todos, a dor da mais exata verdade. Ele e o netinho, com os pés na terra, cintura descalça, bebendo a quentura do forno ou da própria farinha a esfriar nos cochos. Apenas o forneiro Mané Dia e o neto faziam companhia

aos caixotes semivivos, cheios de farinha para o ano inteirinho, e às gamelas que secavam a goma antes de ela ir ao sol. Apenas o forneiro Mané Dia e o neto não seguiriam os rastros das veredas.

Naquela noite, não haveria beijus sobrepostos nas gamelas. Nada de Antônia preparando os beijus de papa fina, nada do cheiro perfumado dos beijus com leite de babaçu, que, nas noites antecedentes, eram sorvidos até pela casca das árvores e pelos arbustos mais rasteiros. O ar cheirava a medo e o paladar de toda a gente amargava a sombra do indefinível.

Rápido o chamamento de Custódio, que queria a maior quantidade de gente para avançar na escuridão do babaçual, espalhou-se. Eram para mais de trinta os homens reunidos no morro, esperando as ordens para entrar na mata e trazer Clemílson. Clemílson vivo. Clemílson morto. Ele teria que aparecer.

O silêncio, cortado pelas hipóteses de um ou de outro, interrompia-se pelo mugido de alguma rês ou pela valsa das folhas da mangueira nas encostas da casa-grande; a valsa, no estio antecipado; valsa de outubro, agora em julho, como consequência da parca chuva no inverno, da parca chuva já visível nas grotas secas, na paisagem morta. As conversas de horas atrás eram substituídas pelos pensamentos mais diversos, na tentativa de descobrir onde estaria Clemílson.

Coronel Custódio, no centro da mesa de estar, a voz saltitante, ora baixa, ora estrondosa, dava orientações a Genésio, que não se furtou da contenda, ainda que os olhos se pregassem por força da noite em vigília; ele, transportando mantimentos mata adentro. Genésio tinha faro para desvendar certas situações, porque sabia que a força quase tudo pode quando a autoridade é o braço. Genésio era cabra de lidar com perverso. Dizia que gente ruim era com ele. Tinha o remédio certo. Ainda mais em se tratando do que se tratava, porque a mata toda dizia por uma boca só que Clemilson era filho de Coronel.

– Olhe Genésio, tenho cá minhas suspeitas, e olhe que, se não foi cobra, onça ou coração o que deu sumiço no Clemilson, o assassino vai se denunciar. Prenda o olho em tudo que é gente disposta a achar o homem – orientou Custódio, já descrente em sinal de vida.

Genésio ouviu o patrão e o mirava fixamente no fundo dos olhos – o olhar brilhante de Custódio, olhar sempre à procura da vastidão, em nada se prendia por minuto algum. Genésio sentiu um arrepio de coisa ruim se espalhar pelo sangue. Olhou para os lados e para cima, respirou o céu – o ar cheirava a medo e o paladar de toda a gente amargava a sombra do indefinível.

- 11 -

LADAINHA

Marciano metia os olhos entre as frestas da porta no quarto defronte à comprida mesa de jantar. Muita gente sentada, muita gente em pé. Não se travava de conversa de menino; Maria do Gonzaga logo disse para o pequeno Jarbas seguir o caminho de casa, que naquela hora menino de orelha em pé vê muito é assombração. Jarbas cuidasse, com pressa, de seguir sua vereda de junto da irmã e levasse o querosene para a velha Maria Lica, no fundo da rede, rodeada dos ossudos que não largavam a velha nem nas precisões mais íntimas. Os cachorros só podiam ser cria mesmo de Maria Lica.

O neto de Custódio continha a vontade de dizer a Jarbas que ficasse, que confabulassem suas hipóteses sobre o acontecido. Jarbas era sabido. Mas Marciano não dizia a si mesmo, em voz, uma sílaba, embora o pensamento não se embaralhasse. Ele, imobilizado como a sapucaia na descida do morro, a árvore mais alta com a qual conversara; imóveis os braços, as pernas, o corpo inteiro; os olhos grandes na testa mirando

os gestos, mastigando os detalhes de que já sabia, os detalhes que julgavam criança não entender. Os detalhes escondidos por Maria do Gonzaga, Genésio, Custódio, coronel Alberto, pelo mundo de gente debruçada no chão e na mesa.

– Isso não é assunto pra menino!

Marciano ainda acordado, mesmo depois de ter-se fartado de jogar baralho, dominó e vareta, sob a luz de lamparinas. Mesmo vencido o dia entre a casa de farinhada e a capoeira de mandioca, para onde seguia, às escondidas, contrariando o avô – para onde seguia, escondido nos jacás, sobre o lombo dos cavalos ou jumentos, na cumplicidade de Mané Dia. Marciano imobilizado. Em movimento, o coração pulando como os jacás, presos às cangalhas, cheios de mandioca; pulando como a correnteza do Tanque nas enxurradas; pulando como a descoberta das jararacas subindo o morro quando chovia.

O menino abria a porta do quarto com suavidade; dava a impressão de que o vento seco a empurrava espontaneamente. O movimento a fazer a porta ranger em arrepios quebrou a concentração das falas atrapalhadas. As retinas avantajadas, entre as fendas, assemelhando-se ao brilho dos olhos felinos na noite, cortaram a ladainha de Custódio, que, sem conseguir conter os nervos, gritou em direção ao quarto:

– Vai dormir, menino! Vai dormir!

Marciano entendia as coisas do mundo. Em todas as férias, enquanto os irmãos e primos se metiam pela mata caçando juriti ou preá, ele via no comércio a diversão preferida: ouvia as conversas no balcão da quitanda sem perder uma palavra de tudo. Já vivia ruminando como hábito até quantos cassacos desciam do caminhão que levava o babaçu para as bandas de Parnaíba. Vivia ouvindo os sons da natureza. Fixava-se por horas nas histórias do pai, descrevendo as paisagens de uma terra desconhecida para os seus oito anos. As histórias do pai atravessando os rios do Piauí.

– Vai dormir, menino! Vai dormir!

A rigidez da ordem se repetiu. Marciano correu para a rede e se fingiu de sonolento. Quando o avô empurrou a mão na porta, ele chorava. Marciano segurava as lágrimas em soluços contidos. Chorava pelo grito do avô. Chorava pela certeza de Clemílson morto.

Coronel Custódio fitou o menino com olhar que cala: olhar parado, olhar reto. E foi saindo do quarto em silêncio, abraçando Alzira, recolhendo lanternas e candeeiros da mesa, para conversar com os de fora da casa, com os muitos agregados da Prensa, da Renascer e da Santa Fé, os quais se chegaram ao morro, dispostos a encontrar alguma sombra do desaparecido. Pouco disse que não fosse a vontade de achar Clemílson. Isso bastava.

Uns a pé, outros a cavalo. Seriam apenas duas léguas até a Cigarra. A duas léguas dali, havia alguma sombra do desaparecido. Havia.

Tibor Jablonsky



Carnaúbas em Cabeceiras-PI

- 12 -

AS PAREDES DO CEMITÉRIO

Poucas braças separavam a casa-grande da Cigarra e o cemitério. O cemitério, onde uma geração inteira se fechava, uma geração apagava o tempo. A filha Perpétua partiu primeiro. Antes dela, os dois netos: um, quase anjinho, de doença feia; outro, rapazote feito, de desastre.

A prima de Custódio temia que os netos pegassem enfraquecimento. Nada de se misturarem a aglomerações. Nada de frieza. Nada de banho nos buracos d'água. Queria-os sempre aseados. Andar pelo curral ou pelo chiqueiro de bodes somente se ela perdesse de vista os pequenos.

Florescia como pesadelo a lembrança do sogro de Custódio, morto de uma hora para outra, aos quarenta, em sucessivos acessos de tosse, enfraquecido, enfraquecido. Queriam esconder a razão da morte, mas ela entendia bem: enfraquecido.

A sinhá da Cigarra zelava mesmo os de casa e ainda chegaria o dia de embalar-se na preguiçosa de couro, olhar para os cantos, espreguiçar-se e

dar a ordem a algum neto:

– Menino, me traz um copo de água desse pote!

Ela pregava a toda mocinha ou rapaz que sabia casar-se:

– Família sem filhos não serve!

Marieta, em brincadeiras, nas quais tentava em vão negar os dizeres, afirmando que concebera apenas um, não cansava de falar:

– Quem tem um filho não tem nenhum!

E tratava logo, nos falatórios sobre as traquinagens dos muitos meninos dos familiares, de pensar em dezena de netos e bisnetos, porque parira uma menina. E mulher nascia mesmo era pra casar e ter filhos. Filhos pra alegrar a casa.

Vê-los-ia crescidos. A menina concebendo-lhe os bisnetos; O menino montando os cavalos do pai em disparada nos pastos e, quem sabe, médico formado na Bahia. Era o sonho de toda mãe. Por que não o da avó? Os recursos dariam, isso daria, o suficiente pra vê-lo grande. Grande servindo a gente da mata.

Custódio ali, parado, mirando a luz da lanterna nas espessas paredes de pedras do cemitério. Nas paredes que guardavam a família de Marieta. Custódio parado no fio da história familiar, amarrado também aos laços que teimavam em perseguir a prima.

Iluminou as cruzes. O marido, a filha, o genro, os dois netos. O lugar dos túmulos. E anteviu Marieta no desamparo do filho postiço, o filho que restava. O braço forte da fazenda. O braço que Deus pôs no caminho, o consolo para as agruras da vida, a razão para ter objetivos.

O coronel preso ao chão, imobilizado pela dor da dúvida... O cemitério prendendo toda a família da prima. O filho adotivo era o que restava de mais sagrado. O filho adotivo gente sua era; gente que Marieta criara como sua. Gente para governar a Cigarra e manter as paredes da casa-grande de pé; gente para contar as histórias dos que antes vieram. Gente para a vida toda.

Custódio desceu do cavalo. Os trinta passos a trezentos se pareciam. As pernas dormentes, as mãos geladas resistindo ao peito disparado em perguntas, em medo e em dor. A prima na porta, entre lamparinas sôfregas, em luz quase apagada, nos curtos pavios. Pavios de mau agouro. A prima cercada de povo amigo, cercada de povo curioso, bruscamente, correu para abraçar o homem que mais prezava no mundo depois do pai, depois do marido; o homem que valia tal qual um irmão.

Marieta assustou-se ao percebê-lo imóvel, sem coragem para palavra alguma, envolto por caboclos que nunca cruzaram aqueles caminhos; imóvel, atento à movimentação na porta da fazenda. Viu-se tomada de receios:

– Meu filho está vivo, não está, meu primo?
Me traz notícia dele, não é?

O capitão da Aurora silenciou. Acolheu-a
sobre o ombro, pressionando-a no colo suado.
Abraçou-a repetidamente e disse:

– Deus sabe o que faz!



Dilson Lages

Pôr-do-sol no Marataoã

- 13 -

OS OMBROS CURVADOS

Quatro horas. Quatro horas embrenhados entre fileiras de babaçus, entre unhas de gatos pendentes, entre sombras de árvores em cujas copas os olhos se perdiam. Pedro Catitu assustou-se umas poucas de vezes: bichos sumindo em disparada. Ligeiros se enfurnavam em bancos de areia, na entrada de cupinzeiros. Aquilo lá era hora pra perseguir pegada de tatu... Tinha sim que gritar:

– Cumpade Cremílson! Ê cumpadeeee! Ê Cremilsooon!

Tinha que gritar. A desesperança pesava nos ombros curvados do grupo de agricultores, mas os homens tinham de gritar. Os gritos se fundiam a outros gritos; ao eco melódico da vegetação e à resposta do vazio. Clemílson morto, disso não se duvidava. O corpo, onde?

Catitu, esquecido das caças que a noite o forçara a abandonar, dava-se conta de alguma anormalidade. O coronel juntava os homens – notícia boa. Ou ruim. Depois de umas quatro

horas, tempo medido certinho, tempo medido olhando para o céu.

A lua irradiava fraca luz sonolenta, cortada de quando em vez pela penumbra de nuvem passageira. Lua sonolenta, mas suficiente para quem se habituara ao indefinido da quase escuridão: enxergar ou tatear, ainda que vagamente, areia e mato seco pisoteados ou qualquer pista de luta corporal.

Se ao menos se soubesse onde se avistou o desaparecido pela última vez? Uns diziam nas Contendas; outros, na Prensa; alguns, para as bandas da Renascer. Saber mesmo ninguém sabia. Restava a quem procurava atirar-se por entre árvores frondosas, por entre caatingaafiada, por entre morros e planícies. Por onde a força alcançasse.

Custódio ia, a cada mato roçado nos caminhos que se abriam, buscando forças – a própria notícia do sumiço sugara as energias a tal ponto de, confuso, esgotar a crença de Clemílson vivo. Ou mesmo a de encontrar o corpo. Sorte que, em derredor, procurando, procurando, acumulavam-se, dispostos, em meio aos tragos de cana, dezenas de agregados, conhecedores de cada trilha. Quem sabe Clemílson não estaria perto de casa? Eles metidos nas profundezas de

cada palmo de terra da Cigarra, menos no entorno da casa-grande.

Com a velha Maria Izabel fora assim: tão longe do barraco vasculharam, tão perto estava. Coronel se queixava de sequer ter garantido um enterro à mulher tão querida pela família. Izabel era de casa. Assistiu aos filhos e aos netos como se netos e filhos dela fossem. Tinha por Marciano, de quem cuidara em bebê e a quem vira logo depois do parto, ainda manchado de sangue, amor de mãe. Quando diziam a ela que o pequeno não vingava, partia em defesa rápida:

– Vinga e vai ser grande!

Maria Izabel, para os da casa-grande da Aurora, era Maria-encanto. No jeito, a presença encobria a fala às vezes arranhada, a fala que o lábio leporino comprimia. Maria Isabel varria o terreiro, passava a roupa, castrava os frangos... A cabeça já se enfeitava de fios de lã quando ela desapareceu. As aves de rapina esperaram a fome abrir o céu, esperaram a sede enfraquecer o sangue...

Muitos os dias em que espalhados ou reunidos, homens e mulheres perderam sono e arderam ao sol para localizar Izabel. Tão longe da casinha de pau-a-pique dela se enfiaram, e a mulher tão perto de casa estava; Custódio não cansava de lastimar. Acharam-na quando

cachorros latiam para uma revoada de urubus. Acharam os ossos de Maria Izabel. Acharam onde hoje um cercado de talos indica que ali alguém sucumbiu.

Ela se tornou lembrada na região pela tristeza, e um poeta cearense, que cruzava a mata com seus folhetos, o tambor de pinga na garupa do cavalo, certa feita ouviu Marciano, saudoso, contar o fim de Maria Izabel, e compôs o arremedo de versos, que, vendendo cachaça e cordéis, costumava declamar:

*“Maria Izabel, de cabelos de lã,
adormecida nas veredas do Junco, ontem e
amanhã...”*

*Adormeceu meu céu a dor
meu, seu, de cada cantador
no reflexo do desaparecimento
de Maria Isabel.*

*Inda a procuram nas trilhas da mata.
almas inconformadas inda gritam sem eco.
Inda cavalgam valentes
no Morro da Bomba
debaixo do pé de crioulo.*

*Nas sombras das árvores
no esconderijo das nuvens*

*Submersas nas águas
inda procuram réstias de roupas
fios de cabelos rastros de gente.*

*Deus aparece e desaparece
nas preces de todo pedinte:
Maria Isabel desmontada em peças
na gula furiosa dos urubus.*

*Desaparece e aparece.
Inda transpira pelo vento do quintal
onde as cirúrgicas mãos
sob os olhos grandes dos meninos
inda transpira o pó das vassourinhas
e dos alecrins varrendo o morro
e a fertilidade da terra”.*

- 14 -

DEBAIXO DO PONTIÃO

Custódio punha a mão sobre a testa, inclinava levemente o rosto para o chão e confabulava consigo, em silêncio que barulho nenhum interrompia, ou falando a si mesmo em voz baixa, espécie de desabafo, sempre que a imagem de Izabel lhe ocorria. Os urubus em volta do que um dia fora um amor de pessoa. Não esquecia a cena e evitava passar pelos caminhos do Junco.

Quando decidiu cessar as buscas, flertou o brilho fosco da lua e tratou de reunir os homens – precisavam descansar um pouco para reiniciar a procura sob a luz da manhã; afinal, vasculharam cada grão de areia e cada moita, e entre a Aurora e a Renascer, o homem não estava. Ia ter com Marieta, levar conforto e reacender nela a esperança de Clemílson vivo, ainda que nisso não cresse.

O que diacho de fato acontecera? Alguma onça sedenta e faminta talvez se saciara... As onças andavam aos bandos, querendo água, querendo carne, todos os anos, assim que os

córregos minguavam. A sede e a fome tão grandes, e tão escassos a água e os alimentos que as pintadas encontravam nos açudes e nas cacimbas da região, assim como nos bichos, à beira das grotas, a oportunidade de se saciarem. O velho Abelha localizara duas boiando na cacimba do quintal de casa. “Tentando beber se afogaram”, repetia, segurando o toco de cigarro no canto da boca. Passado o susto, não tirava a cartucheira das costas, presente do coronel Alberto, em boa hora.

Custódio estava confuso. Em que pensar diante do insucesso das buscas? Não remoía nem mais uma gota de fé em o suposto assassino se denunciar, caso tivessem deveras assassinado o homem como o presumira. Assassino entre os agregados era hipótese descartada.

Atendendo às ordens do patrão, Genésio reunira todos os agregados. Em fila, de foices em mãos, a pé, seguiam Custódio montado no alazão, em cujas pegadas seguia Tubarão; cachorro de caça, cachorro de guarda. Tão afeiçoado ao dono que uivava para não dormir nas calçadas da casa-grande... uivava uivos de desespero que logo silenciavam, graças às reses no morro a entretê-lo...

Rumavam para a Cigarra, ora em silêncio maior que tarde de sol a pino, ora numa boataria

que mais parecia as preces que faziam os romeiros da região, ano a ano, na estrada do Juazeiro de Padim Ciço. Rumavam quando uma voz mais alta se pronunciou, apressada para falar antes que o povo se dispersasse:

– Genésio, home, Cremílson num saía da beira do pontião pescando quando eles tavam rasos pra peixe. A água nessas grotas tá rasiha, rasiha. O home não tará debaixo de um? – interpelou Chico Pereira, acrescentando: – Será que num tá debaixo daquele ali?

Genésio, atento à expressão de espanto do coronel, pediu que Pereira fosse até o pontilhão a uns vinte metros adiante.

– Taqui o home, coronel. Taqui! Tá morto, enroscado na rede de pesca, coberto de salsa, disse Chico, tremendo o canto dos lábios, arrastando logo o corpo para a margem da rodagem.

Os agricultores se entreolharam e, atendendo a ordem de Genésio, que se afastara do corpo, para melhor analisar a situação, em meio aos gritos de “cabra safado”, de “assassino”, cercaram Pereira, que nada disse. Apenas olhou para o coronel, que chorava ao lado do corpo de Clemílson. O golpe certo cortara de morte o pescoço. Nem ao menos chance de defesa tivera. Covarde, covarde como todo assassino.

Assim as horas que se antecederam ao olhar de Custódio fixo nas paredes do cemitério

e nos espaços restantes para mais uma cova; as horas antes do encontro entre Coronel e Marieta, na porta da Cigarra, para anunciar a vontade de Deus.

...

Custódio vivia na companhia de Clemílson e se recordar dele naquela situação era sentir a própria mata sangrar. Clemílson se confundia com o assobio das palhas no alto das palmeiras, com o assobio da curva na montaria do horizonte, com a lembrança da estrada – a que toda tarde se despedia do clarão do céu quando o filho de Marieta tomava o caminho da Cigarra. Clemílson era o homem distanciando-se da quitanda, misturando-se à escuridão em sua confusão de sons e incertezas.

Que preparassem a cova! Estava escrito!

A CADEIRA SOBRE O MORRO

À tragédia, seguiu-se o silêncio de olhares cabisbaixos, de olhares interiores em busca de respostas inexistentes. Clemílson, bom pai, bom filho, bom esposo; bondoso de nascença, e morto tão covardemente, sem explicações. O silêncio enlutou a farinhada, suspensa por dois dias – e quase ninguém saiu de suas casas, a não ser para apertar a mão de coronel Custódio, visitar dona Alzira na Cigarra, tirar água no poço ou comprar querosene, fumo e gêneros alimentícios na quitanda da Aurora.

Coronel Alberto cismava em duvidar. Nem o corpo quisera ver. Nas terras dele, terras de seu filho, debaixo das próprias barbas, crime de um agregado era mesmo para duvidar. Noutros tempos, nem imaginava o que seria do assassino... Mas o delegado já tomara de conta do infeliz. Que a juíza desse a sentença máxima ao condenado! Crianças ficaram órfãs. A sobrinha, perdera o que de mais valioso ainda possuía. Que o infeliz nunca mais desse a cara por aquelas bandas... Tão bem criado por Cândida e foi dar

no traste perverso e dissimulado, que matou sem chance alguma de defesa. Que nunca mais ousasse cruzar com ele.

No fundo, no fundo, Alberto Pires reconhecia: estava de carreira tirada. Do topo dos oitenta anos, queria mesmo era balançar-se na cadeira sobre o morro, rir das traquinagens dos netos, pastorear com a visão uma ou outra rês e ir ao mato colher embiras para fazer chapéu ou peias. Os dias se resumiam a isso desde quando deixou a Renascer, onde nascera, onde vivera até alguns anos, e para onde voltaria apenas quando sentisse que a terra e o céu definitivamente se misturariam.

– Genésio, me chame aí o Custódio, aquela vaca pintada anda triste desde ontem. Se não estiver doente o cão pinta – pediu o coronel, em voz que não se distinguia gritando ou simplesmente falando, em voz já sem forças para grandes esforços.

Voz apagada, mas olhos e pensamentos vivos. Vendo o vulto imaginário de Clemílson correndo pelos campos, pôs a vida na balança. O que fizera? Estava ali no topo do morro, torcendo para o tempo parar, e o que fizera? Criara filhos e bichos. Multiplicara-se e isso já valia muito. Naqueles instantes, não cogitava mais sobre o futuro, nem sobre os descendentes que não conheceria... O passado bastava.

Ocorreu-lhe o pai, a mãe, as tias – todos, vagas recordações, depositadas no coração cansado e no morro defronte às planícies da centenária Casa Renascer. O morro, coberto de cruces – cruces no interior da pequena mureta em seus dez metros quadrados e fora dela. Do lado de fora, os moradores sem nenhuma indicação – conhecer quem ali repousava, somente gente da família dos mortos –, do lado de dentro, os donos da terra. Túmulos com inscrição no cimento, túmulos com inscrição em mármore. Pra quê?

Lembrou-se dos irmãos em terras adjacentes, espalhados, espalhados nas fazendas que herdaram entre Barras e o Retiro da Boa Esperança. Terra pra vida toda? As suas estavam reduzidas a bem menos do que o legado familiar lhe reservara. A bem menos, não tivesse se metido em contendas políticas, não tivesse escurraçado pras bandas de Miguel Alves os invasores da Cruz Sagrada.

Se não tivesse, ainda apreciaria a paisagem de sua Melancias nas Cabeceiras do primo Zu Batista, nas Cabeceiras do amigo Dodô Veloso. Ainda apreciaria todas as terras que margeavam as correntezas do riacho Santo Antônio, agora na posse do advogado João Pacheco, por força de honorários da justiça. Se não tivesse acreditado

em tanta gente que de si se serviu, que de si de amigo se fez, muitos dos dissabores amargando em sua língua não encheriam o paladar de odores desagradáveis. Entregava a Deus, como sugerira Monsenhor Uchoa.

Tinha que defender o que era seu! Tinha que defender! Não era vaidade, não, nem abuso de poder! Queria era justiça. Coronel era chamado apenas por respeito; no fundo se considerava apenas um senhor de terras de carreira tirada. Media a opinião sobre seus pensares, enquanto a manhã, envolta de cerração, estranhamente em pleno julho, calou o pensar para prendê-lo ao que de longe no morro se avistava. A mulherada, de cabaça suspensa em roldanas de pano, na cabeça, ia colher água, ia ao poço no fundo do quintal da casa-grande. Iam ainda meninos tangendo aqui e ali os bodes no caminho, sem tagarelices, na tristeza da neblina.

Coronel vivia vangloriando-se do lugar em que edificara a casa-grande, diante de frondosa sapucaia, na sombra onde brincava em menino. Do morro, enxergava-se tudo – “até a cor dos planetas e a espada de São Jorge!”, como, brincando, repetia. O morro trazia segurança e elevação de espírito, e uma paisagem que Deus duvida. Deus duvida! Só mesmo o passatempo preferido para romper o profundo pensar:

– Genésio, vamos tirar umas embiras, que termino esse chapéu hoje. Com ele, venço esse verão com cara de seca. Não me engano com neblina. O ano é de seca.

E se calou a manhã, e desapareceu-se a neblina, e rarearam-se as nuvens, para correr sobre o morro a estrada nos raios retos do sol.



Autoria desconhecida

Fazenda em Barras-PI

- 16 -

A FRANGA PEDRÊS

Os fins de tarde se encurtavam a cada novo escurecer. A casa, em breve, seria um silêncio só – tão inerte que a sinfonia dos capotes, em cantiga enfadonha, verter-se-ia em motivo a risos calados. Quase na hora de voltar para casa e isso os deixava, os netos de Custódio, mais inquietos, mais sedentos em aproveitar o que sobrava das férias.

Marciano concentrava em si fisionomia parada. Pensativo, pensativo como a sapucaia no pé do morro, a árvore de longos tentáculos na rigidez de constante meditação – a sapucaia que se mexia quando as nuvens de algodão se dividiam ou corriam acima dos morros. Mexia-se a sapucaia em constante meditação, no balé das nuvens ou na força dos ventos, raros àquela época do ano. Mexia-se como Marciano olhando para si, olhando o mês que se vencía.

O peito se contraía quando se lembrava da casa em Barras, do Marataoã, dos movimentos na praça da Matriz, mas queria ficar parado, como as árvores, como os morros. Queria ficar, mas dali

a dois dias entrariam ele e o irmão no carro do coco, que mudaria o clássico percurso de Luzilândia, de onde a carga de babaçu seguiria a Parnaíba. Mudaria o percurso, para atender o pedido do coronel. O caminhão de João José Filho rodaria até Barras.

Era bom aceitar logo a certeza e se preparar para outras alegrias, a de abraçar a mãe, a de entrar na igreja, a de brincar pelo quintal imaginando-se senhor de terras e bichos. Enquanto o caminhão não chegasse, que tomasse banho no Tanque, que comesse crioli, que domasse o cavalim de carnaúba até o tempo se esgotar.

O menino amanhecera com disposição de assustar. Não parava de rondar o quintal vendo tudo do quanto era franga – ia pedir uma para a avó, ia pedir. Queria uma pequena, talvez tão cedo não virasse comida e sobraria tempo para vê-la crescer. Queria franguinha pedrês; até ali não passava pela ideia franga despenada. Queria uma franga para pôr ovo e não morrer.

– Lá em casa não ferve na panela franga que bota ovo! Não ferve!

Estava decidido: a franga pedrês que dormia nas galhas baixas do pé de pitomba. Desde quando pusera os chinelos no quintal, que corria a vista nas franguinhas, para não ter dificuldades em escolher, nem medo de pedir; por isso, repetia

a si e ao irmão: “Vovó, me dê uma franga?” E se a avó não desse? Insistiria: “Oh, vovó, me dê?” Levaria qualquer uma: de lembrança das férias até franga pelada.

Mandaria o irmão menor pedir primeiro, em seguida, pediria. Se a avó presenteasse o pequenino, ele também receberia uma franga. Que fosse a pedrês, a que ciscava meio-dia debaixo do pé de urucum, a que se espantava com o jabuti comendo carambola.

Ia pedir!

- 17 -

A NOITE VIRAVA BICHO

O mugir grave e cadenciado das reses no terreiro, o entrecruzar de cocoricós em pontos imprecisos do quintal, o rodopiar do vaga-lume, que circulava a rede sem conseguir pousar, fizeram da madrugada, entre um despertar e outro, rápida passagem para um sol longo. Tão longo quanto aquele conjunto de instrumentos vivos cantando a transição entre a sombra e a luz.

Ainda sonolento, Marciano jogou-se de pé e esfregou a mão no rosto. Tentava conter o clarão que invadira o telhado e borrava paredes, janelas, portas, além do quadro do menino Jesus; o menino nos braços de São José. O quadro que guardava dos anjos maus um dos oitos quartos da casa. Quando, antes de dormir, não aparecia para rezar no oratório, suspenso à direita da cama do avô, rezava de joelhos sob a imagem presa a uma das escapas. Rezava sem mexer uma pestana, de lamparina em ângulo medido, a ave-maria, o pai nosso e a metade da salve rainha – a metade, porque, por enquanto, não decorara a reza inteira,

embora estivesse no catecismo da casa paroquial e repetisse a oração na hora sagrada do terço. Rezava para pedir sempre: “Muitos anos de vida pro papai e pra mamãe”.

Que dia da semana era? A vontade de ficar por mais tempo era tamanha que esquecera se segunda, se terça ou qualquer outro. Irrompeu as dúvidas efêmera melancolia: as férias terminavam e, meio-dia, Tomaz frearia o caminhão no morro. Ia viajar no caminhão do coco. O motorista desceria em prosa que parecia infinita. O caderninho na mão. Almoçaria, conferiria as sacas de amêndoas de babaçu e o veículo, com as crianças na boleia, desafiaria a distância: Marciano achava a fazenda o fim do mundo e, ao centrar as retinas no automóvel ou dele se lembrar, falava ao irmãzinho: “Um dia tenho um caminhão. E vou ser motorista”.

Tomaz estava mesmo para chegar. Na quitanda, uma mulher de barrigão esperava. Que ela não inventasse de parir dentro da boleia! Que não inventasse! Barulho distante fez Marciano sondar o vento, mas não passava de impressão ligeira, impressão de ansioso. O caminhão nunca chegava naquela hora. Nunca chegava, mas a manhã voaria como a saudação do bem-te-vi no pé de jaca do jardim. Todo dia, ele atazanava o silêncio, para sumir sem deixar pistas. Na manhã

seguinte, seria o bem-te-vi, e somente cantaria de novo ali quando chegasse dezembro. Se a mãe deixasse.

Viu-se no caminhão. Ele, ao lado do irmão, rumo a Barras. Os corações menorzinhos, machucados de prévia saudade. Quem sabe ele não dirigiria aquela beleza de máquina? Ele, Marciano, girando o volante com força, triturando mato, pedras e curvas em trilhas que acreditava virgens. Se Tomaz deixasse?

Primeiro precisava vencer o medo. Tinha medo até de mata virgem, cheia de onça! Muita onça, como contava Genésio, para afastar o medroso dos perigos do campo. Eram as mesmas onças que via passar ao lado da rede, depois que a casa dormia, as mesmas onças, não sabia se vivas ou em sonho. Onças existiam e, por conta delas, às vezes tinha-se que estender a tipoia dele ao lado da cama dos avós, senão a noite virava bicho.

Voltando-se para a porta da casa, onde porcos remoíam sabugos de milho, esbarrou o pensar no Cabra Preta, o homem que virava cabra, como lhe dissera repetidas vezes Custódio, quando o sujeito de gargalhada solta levava o babaçu para vender. Aí foi que o medo esfriou-lhe as mãos e o pirralho disparou para a cozinha. O homem virava bicho. Cabra preta.

- 18 -

BRINCAR E OLHAR

O dia se entrelaçava ao horizonte, igual à manhã em que Marciano chegara de férias: um renovar-se de sensações inéditas, embora se repetisse o percurso de sempre.

Ele queria conferir as coisas como antes. Quando chegava, quando saía, guardava tudo nos olhos. Corria as retinas nos jabutis do jardim. Tinham crescido sim, tinham crescido. Fixava-se na gata preta da cozinha. Ainda amamentava as crias debaixo da mesa? Demorava-se a ver Tubarão cochilando indiferente aos mosquitos. Vivinho da silva. Vivinho! Muito tempo mesmo passava a contar as galinhas no quintal. Como eram muitas! Tudo isso no fundo dos olhos, mas precisava ir até o pé de serigoela, onde alguma galha velha dormia, abandonada no chão.

Guardava tudo nos olhos.

A manhã, de fato, começava. Antes que Alzira o chamasse à mesa, esquivou-se devagarzinho entre os quartos. No curral, quase ligado à alcova dos avós, Antônio Preto espremia as tetas da vaca; o bezerro separado em outro

compartimento; o leite caindo no balde em espumas; o líquido em estado natural. Mais curiosidade que sabor. “Leite mugido faz bem à saúde”, dizia Genésio e Marciano não esquecia. Como queria crescer logo, tomava leite mugido, a contragosto do avô:

– Qualquer dia desses, esse menino adocece.

Do curral, Marciano correu ao fundo da casa, ao fundo onde curiava os galos que cantavam, ouriçados para brigar, disputando a posse de alguma galinha. Elevadas sobre uma pedra, em estacas rigidamente fincadas ao chão, três caçarolas transbordavam milho. Caçarolas para encher o papo das aves. Enquanto Alzira não aparecesse no batente da porta, antecipava a visão das aves se alimentando: distribuía o milho imaginário nas mãos abertas antes de em sonho espalhá-lo na terra, em voz que ia longe, em gritos circulares aos quatro cantos:

– Pi, Pi, Pi, Pi! Pi, Pi, Pi, Pi!

Gritando, Marciano reunia sua multidão de agregados. Ao som do chamado, seu exército de servos agrupava-se parado na calçada ou abaixo dela, parado, parado. Do alto, o pequeno levantava os ombros e a cabeça:

– Obedeça o coronel!

Sobreveio-lhe à lembrança o amigo Jarbas com um machado sobre as costas, acompanhando

a mãe mata adentro. Os mesmos oito anos que ele, e quebrava coco. Tentara aprender com ele às escondidas e quase cortara gravemente um dedo. Quebrar coco não era pra menino, mas Jarbas quebrava; ele e a curriola toda com quem Marciano jogava bola, com quem banhava no açude e no Tanque. No dia em que fosse coronel, distribuiria tudo da quitanda e menino não quebrava coco. E se distribuísse? O que venderia na quitanda? Era pequeno demais pra entender dessas coisas.

– Obedeça o coronel! – repetia, agora sem mais conseguir a atenção das aves, que, vendo-se enganadas, dispersavam-se pelo quintal.

Ainda assim, prosseguia gritando até se cansar, até interromper a voz, para admirar a mistura de cores nas penas do pavão e o desespero dos perus, zangados de fome.

Tomaz viria. Marciano aproveitava cada piscar do sol para brincar. Brincar era como olhar. Uma ou outra atividade bastaria para dia tão inesgotável de ânsias e incertezas. Fazer tudo o que o tempo permitisse: subir em cada árvore baixa do quintal; banhar no Tanque ou no açude; correr montado em seu alazão de carnaúba; respirar o mato seco ou a massa de mandioca na casa do forno; ver do topo do morro as fileiras de babaçus conversando com o vento em voz que só criança entende. Fazer tudo: brincar e olhar.

- 19 -

OS DEDINHOS NAS FOLHAS DA JANELA

– Fechem as janelas! Fechem as janelas! – gritou Alzira à gente da cozinha.

Alzira batendo as portas da venda. As portas de cedro encardido eram protegidas por grossas travas, no centro de cada uma das quatro saídas da venda. As grossas travas, já devidamente coladas à madeira nas hastes de metal da parede. A quitanda, no alto do morro, onde qualquer ameaça de longe se avistava.

Ciganos lutavam contra a surpresa da mata. Buscavam novo pouso do lado do Maranhão. Atravessariam o Parnaíba, a caminho do Brejo, onde outro grupo os esperava: a terra demarcada para mais uma temporada desprovida de andanças.

Genésio, alertando o patrão a que animais fossem aprisionados e a que se evitassem furtos, contara no café da manhã o trajeto do bando. Por volta do meio-dia, os mais de cem ciganos marchariam em terras da Aurora. Estavam arranchados no Abinadá, eles e o pânico, e de lá

até a fazenda, cinco horas de ininterrupta caminhada.

– Da última vez que um bando zanzou aqui, até galinhas de inha Alzira roubaram. Em cigano não se confia nem de olhos abertos – recordou Genésio em tom de revolta, na sala de estar, acrescentando que, para as bandas da Prensa, um desses peregrinos buliu mocinha na beira de riacho. – A filha do Pecó, tão bonitinha.

– Pois avise a todos, cabra! Avise pra que estejam de sobreaviso, caso algum imprevisto. Mas essa gente vai apenas passar... Nada de atritos com ela. De todo modo, é bom se precaver – reagiu Custódio às preocupações de Genésio. – Vou à capoeira conferir quantos dias aproximados as arroubas de mandioca vão render e hoje transportar qualquer coisa de lá pra casa do forno, só depois que a ciganada passar e que eu despache o coco pra Parnaíba – ordenou, virando-se à bilheira, de onde retirou água, lavou o rosto e silenciou.

Marciano frestava a luz e os espaços por onde conseguiria detalhar algum movimento, dali, detrás da janela, levemente aberta, para acompanhar a passagem do bando. Correu para ela no exato instante em que a avó gritara pelo povo da cozinha. Não queria se esconder, queria era olhar que povo estranho vagava o mundo sem

ter onde se fixar. Que não se atrevesse a invadir a casa, porque a cartucheira estava na escapa, lotada de pólvora, e mandava bala.

Arquivaram-se nas divagações de Marciano o relato precavido de Genésio e o pavor de Alzira quando se falava em ciganos. Uma vez não ficou um peru e ainda levaram o pavão. O pior é que ninguém via os desgraçados roubarem.

O menino ouviu um falatório danado se aproximando, o trotar de animais arrastando poeira pelo ar e o coração pulou como se estivesse em cavalgada no alazão de carnaúba. Antes do tempo, chegavam antes do tempo e vovô pra capoeira. Alzira na quitanda na companhia de Maria Abelha e de Tonho Preto, que estava de plantão, desde o início da manhã. De plantão não aconteceria saque. Só se matassem Preto.

Da janela entreaberta, os dedinhos firmes segurando as bandas de cada folha, Marciano descobria o mundo cigano. O grupo achegou-se à casa da fazenda em numerosa fila. Idosos e crianças à frente; esquisita gente e sua legião de animais. Gente ou bicho? Eles tinham mesmo um jeito estranho. Uma velhinha, talvez a mãe de muitos, segurava a mão de uma menina, a qual viu os olhos de Marciano arregalados nas fendas da janela e os dedinhos, pelo lado de fora, fazendo força se precisasse rapidamente fechá-la.

A menina sorriu, acenou e apontou para o papagaio no ombro da avó. O papagaio tagarelou: “Caminha cigana, caminha cigana”. Não era bicho, não era. Gente como ele, gente que não tinha onde morar e corria o mundo atrás de um pedaço de chão. Por que o avô não dava um pedacinho, já que a propriedade se juntava a outras propriedades de um dono só e tanta gente morava ali?

– Fecha a janela, menino, fecha a janela! – gritou, de surpresa, Alzira, lembrando a ele que cigano roubava criança. – Ainda quer ver tua mãe? Quer ver? Pois fecha essa janela!

O bando seguiu o destino sem grandes atropelos e a passagem deixou Marciano isolado num canto da sala por algumas horas, sem entender por que aquela gente rodava o mundo. Que o carro do coco viesse logo e esqueceria a menina que passou. O silêncio da sala interrompeu-se com uma das criadas contando para a sinhá:

– Dona Alzira, não é que os desgraçados roubaram de novo um peru. Roubaram e ninguém viu!

Marciano correu para o quintal. A franga pedrês estava intacta, ciscando ao lado do jabuti. Ainda hoje ela dormiria em Barras, nas galhas do pé de goiaba do quintal, na Rua Grande.

- 20 -

AS AMÊNDOAS DE BABAÇU

Abriu-se a atmosfera após os ciganos se evaporarem nos rastros das veredas. Clima de sossego se esticava na copa das árvores, nas patas dos bichos. Tinha-se a impressão de que a mangueira no pé do morro e a sapucaia centenária estavam maiores – os galhos mais largos, as folhas crescidas, verdes de alívio.

O meio-dia começava com o vapor da tarde imóvel esquentando a monotonia de um tempo quase estático. Reabria-se, livre de ameaças, a quitanda, onde a montanha de babaçu logo seria ensacada. Marciano olhava para ela e imaginava quantos sacos daria. Na última quinzena, acertara em cheio: 22. Babaçu demais! Mas já ouvira, detrás das portas, Custódio reclamar que os negócios andavam capenga.

– Também, com tanta gente sentada na mesa, não tem comida que renda – escutava Maria Abelha dizer. – O patrão é mão aberta e assim termina pobre, pobre – ela concluía, reforçando que quem tivesse de passagem pela mata, na Aurora, com fome não ficava. Bem diferente de

outras fazendas em que nem um copo d'água se dava a viajante. Bem diferente.

Marciano mastigava amêndoas de babaçu na calçada da casa grande e arremessava o bagaço distante em cuspidas sucessivas. Os capões batiam asas e bicavam a areia, ciscando, ciscando, até não sobrar um farelo branco. O pequeno divertia-se com a fome dos frangos, mas desejava era ver o caminhão freando, freando. Os cassacos ensacariam o babaçu, costurariam os sacos de estopa. Grossas agulhas a fazerem voltas com novelos de barbante. Ele e o irmãozinho seguiriam viagem, curiando o povo que corria para a beira da rodagem, com o propósito de olhar o automóvel e quem nele se ia.

Que chegasse logo, a fim de ele não ir o tempo todo fazer xixi para o rumo do curral. Antônio Preto, vez por outra, não escondia o sorriso e, vendo a arrumação do menino, gritava:

– Lá vem o caminhão, Marciano!

E ele se apressava em urinar, temendo molhar a boleia na viagem. Uma vez chegou a Barras doendo a barriga. Mal o caminhão parou, urinou-se. Urinou-se, mas não pediu pra Tomaz parar o carro. Não pediu.

O menino mastigava o coco babaçu como se dilacerasse o próprio tempo. Era uma forma de vencê-lo. Mastigava, mastigava. Abusado do ranço na garganta e depois de muito tossir, após

engasgar-se com bagaço, abandonou a mastigação e entreteve-se a decifrar os ruídos que se debatiam no alto das árvores e se atiravam dos galhos ao vento.

Escutava zoadas de carro. No silêncio profundo de uma terra inerte, para confundir-se, precisava ser surdo. E surdo não era. Percebeu o barulho aproximar-se e cessar. De uma hora para outra. Teria o caminhão parado? Talvez estivesse pelas bandas da Prensa. O som, elevando-se, elevando-se, repentinamente rompeu pelo capim seco. Era apenas uma cigarra.

Marciano desistira de esperar. Ia era contar os passos do jabuti gigantesco no quintal. Ia que o tempo esquentava e mal tinha almoçado para suportar sol tão quente na testa. Se ficasse ali por mais tempo, iria se ver de dor de urina.

Marciano desistira de esperar. Desistira de mastigar. Desistira.

- 21 -

A LEI DA NATUREZA

– Raimundo; ei, Raimundo, leva esse menino pra ti – ordenou Custódio, fingindo-se de sério, ao velho barbudo que subia o morro vestido em blusa rasgada, marcada de suor. – Leva, que ele tem medo de ti.

O neto do coronel voltou-se ligeiramente ao que se concentrava à frente do nariz. O coraçãozinho encheu-se de sangue e tremeu. Tremia como se tivesse visto o Cabra Preta. O menino não conseguia falar, mas ainda encontrou coragem para invadir a quitanda e entrar por baixo da cancela do balcão, o qual, para a pequena criatura, mais bonito se tornou assim que ela rompera as fronteiras do recinto, ao passar para o compartimento das mercadorias.

O balcão dividindo ao meio o comércio era para ele dois mundos, mas, naquele instante, sentia-se seguro em ver que existia um lado que mandava, um lado pelo qual Raimundo não ousaria atravessar. Não ousaria passar pela cancela se não fosse mandado. E, quando o fazia, era sempre para despejar o babaçu no canto da quitanda, debaixo da imagem de Santa Teresinha.

Dois mundos. Do lado de dentro, o avô anotava em caderninho o que o agregado pedia; do lado de fora, o homem botava o cofo na balança, dizia a quantidade de litros de amêndoas de babaçu, confirmados ou negados pela medição, e explicava o que queria: quase sempre, açúcar, arroz, café, feijão e fumo. Vez por outra, um trago de cachaça.

Marciano respirava profundamente, sem olhar para a cara de Raimundo. Com certeza, cara de zanga, cara de maldade. Marciano respirava. Os olhos cheios de água, as mãos juntas apertando-se, mas protegido, protegido pelo balcão preto, pelo lado de dentro, onde não gostava de ficar; preferia o de fora, para curiar a gente da fazenda e ouvir mais de perto as histórias e as dores que contavam. Hoje sentia para que serve o balcão, para que serve o lado de dentro.

Raimundo, o Pananã – que ninguém o chamasse desse apelido –, parecia sempre mal em sua cara fechada. O malvado, que não tomava banho e comia carniça, como era do saber da região, chegara à propriedade na seca de 1932, vindo das bandas do Ceará. Comia mesmo porcarias – tudo que era animal morto, mas o prato predileto dele era camaleão. Dele, de Maria Moça e de Antônio Cearense, o Capelão. Eles, debaixo da mesma casinha, comendo porcarias. Quem diabo sabia se não cozinhavam criança também?

Marciano recordou a visita que fizera à casa deles. Os primos mataram gordo camaleão na mangueira do quintal e arrastaram-no com uma embira presa ao pé até a palhoça de Pananá. Maria Moça recebeu aos risos os netos de Custódio. Queriam tirar a prova: Maria comia ou não lagarto? Ela abriu o bicho, tirou toda a carcaça de couro, limpou as impurezas e jogou a carne sem cor numa panela suja. Enquanto ela ria, Marciano contorcia-se em náuseas. A cena se repetiu por dias no pensamento da criança e, ao se deparar com Raimundo, lembrava-se do bicho fervendo na panela. Só podiam cozinhar criança também.

O menino vivia impressionado e, desde a data da visita, diariamente perguntava:

– Carne de camaleão é boa, Genésio?

Genésio pensava rápido. Era raro pergunta a que não rompesse com resposta que convencia. Fora levado para a casa-grande da Renascer muito pequeno, órfã de mãe, recebido pelo coronel Alberto, que ainda lhe mandou a Parnaíba, onde aprendeu a ler. Era homem observador do mundo.

– É a lei da natureza! Pra sobreviver eles aprenderam a lutar com as armas que têm – respondera um dia para Marciano.

Passado o susto, enquanto renascia na memória o camaleão fervendo na panela e os risos de Maria Moça, calculava o que era entregue a

Raimundo. Correu a vista no cofo. Nele, uma foice, a peça de metal à mostra; açúcar e farinha acomodados ao fundo; nas mãos, pedaço de rolo de fumo. Absorto nas lembranças e nos movimentos de Pananã, não viu o caminhão freando, freando; nem Tomaz entrar no comércio, nem os cassacos pularem do alto da carga de babaçu.

Ao sentir presença estranha, Marciano disparou para a marquise, sacudiu o cofo que aprisionava a franga pedrês. Estava viva. Apressou-se até o curral para urinar. Deu conta de Raimundo bebendo numa cuia – a mesma em que o cearense dava água aos cachorros. Quando ele já se distanciava do morro, o menino gritou:

– Pananã! Pananã! Pananã!

- 22 -

O DESARRANJO DA FAZENDA

– Menino, o apressado come cru. Não toma mais benção ao bisavô? – perguntou o velho Alberto Pires a Marciano; o sorriso, em um dos lados da boca, no outro, a flacidez das rugas sóbrias. – Da próxima vez que vier aqui, nem sabe se vivo ainda estou! – finalizou aos risos.

Os olhos pequeninos se remexeram na cavidade do rosto, escondidos ao fundo da face; escondidos, mas vivos às minúcias em derredor. Iluminou-se na reminiscência o cortejo de Zefa Catitu, parado abaixo do morro, até que coronel Custódio rumasse ao corpo em sinal de despedida. Tonho Preto, à frente, segurava uma das extremidades da esteira, onde carregavam a mulher para o cemitério do açude. Genésio, na outra, sustentava o peso com maior força. O coronel, estático, fazia o sinal da cruz; o sinal para que levassem o corpo da defunta. Imaginou o bisavô em uma esteira como Zefa Catitu e tratou logo de pensar noutra coisa.

A criança abraçou forte o bisavozinho e vigorou a intuição de Alberto eternamente

ausente. Abraçou-lhe forte. Os olhos em água pura envoltos. O caminhão, ligado, à espera dos passageiros da boleia. Faltava despedir-se dos avôs e falar com o povo todo na calçada, o povo se despedindo e curiando o ruído do carro. Feito isso, podia entrar na cabine. Podia entrar.

Lembrou-se de Tubarão e do cofo com a franga pedrês. O cassaco, vendo a agonia do menino, andando de um lado a outro à procura da pedrês, gritou que o cofo estava sobre a carga de babaçu, amarradinho nas grades da cabine. Procurou o cão na porta da casa. Depois de abraçar todos, tinha que se despedir dele, o colega com quem se embrenhava nas veredas, em companhia de Jarbas ou até mesmo só, com coragem de enfrentar até onça. O cão, habituado às noites de caçadas, matou, certa vez, uma cobra esticada no caminho, pronta para o bote. Partiu pra cima e matou. E era venenosa. Genésio disse.

Tubarão, sentado na porta da marquise, não esboçava movimento. Quando topou com o brilho dos olhos de Marciano, balançou o rabo. Antevia a ausência do menino que corria pelo morro, atirando ao longe pedaços de madeira; logo entre os dentes do animal, condicionado a buscar o que o menino arremessasse. Até pedra o bicho trazia entre os caninos. Trazia e soltava sobre os pés do pequeno.

Antes de entrar no caminhão, faltava ainda uma coisa. Tinha de perguntar ao bisavô. Tinha. Fizera a Genésio a pergunta – ele, que tudo esclarecia, mudo, mudo, não quis explicar. Perguntaria mesmo a quem tinha de responder, nem que pegasse um pito. Não doeria. O bisavô nunca lhe dera palmada. Só pito. Por que não perguntar?

Marciano não se conteve. Quase gaguejando, atirou as palavras contra a calçada, onde coronel Alberto remoía a partida:

– Vô, o que é um coronel?

O bisavô franziu as sobancelhas. Ser coronel não significava mais tanto. Ser coronel tinha seus dissabores; mas devolveu às palavras no rumo do caminhão, rindo:

–É o que você será um dia! Gente grande! Dê lembranças a sua mamãe.

Marciano não entendeu, mas fingiu que sim. A hora de partir se consumava. Foi o primeiro a entrar na cabine do automóvel, seguido do irmão, atendendo às ordens do avô, que também viajaria. Ia deixar os netos na cidade. A mulher prenhe, quase nos dias de parir, a mulher, que há horas esperava o automóvel, subiu com sacrifícios, com a ajuda de Genésio e Dona Alzira. Era gente da fazenda. Doutor José, de quem era afilhada, faria o parto. Ela preferia parir na cidade; padecia de complicações desde quando

emprenhou. Genésio tratava de passar a perna sobre a carroceria e escalar os sacos de babaçu. Barras também era seu destino. Na companhia do coronel Custódio, talvez ainda hoje tomasse uns tragos de cana no ambiente da Maria Joana.

O caminhão tremia ligado. Marciano de olho do câmbio. Temia que a mão deslizasse, atingisse a peça e o caminhão virasse. Comprimia-se no banco, apertando as costas no couro suado e fedorento do encosto malcuidado. Apertava-se, receoso de as mãos ou as pernas alcançarem a marcha. Na ladeira, fecharia os olhos. Lá, era que tinha mais medo de provocar o acidente. Já nem sabia mais se ainda queria possuir uma máquina perigosa daquelas.

A Aurora se desarranjava nas curvas em movimento, à proporção que a mata de babaçus e unhas de gato caminhava para trás; as férias terminavam, para se repetirem quando dezembro chegasse. Tubarão, Jarbas, Genésio, a casa de farinha, o cajueiro no campinho de futebol e as grotas de água estariam no mesmo lugar, vistos do morro, onde uma cadeira media os passos dos bois e o céu estrelado.

- 23 -

GENTE QUE MANDAVA

Coronel era gente que mandava! Marciano se distraía com as ideias na boleia, atento ao que subitamente se desenhava na paisagem de casas de pau-a-pique, perdidas no meio do mato, onde cães, diante da máquina que andava, latiam nos terreiros ou corriam inutilmente atrás do automóvel. Gente que mandava. Mas conhecia muita gente a quem se chamava de coronel e não tinha terra nem debaixo das unhas. O Lourival do Mercado. Nem o nome mesmo dele se sabia. Dizia-se apenas Lourival do Mercado, porque era açougueiro, isso era, do mercado.

Impacientava-lhe a dúvida, como os grilos da Aurora, escondidos nos cantos das portas ou nos minúsculos buracos dos ladrilhos de tijolos; os grilos que caçava, para queimá-los no fogo da lamparina até secarem. Os grilos zumbido a noite inteira, zumbido para encompridar a escuridão e retardar as frestas de luzes na cumeeira da casa. Zumbido que ia e vinha, mais alto, mais baixo. O caminhão cortava a areia, fazia o barulho dos grilos, o barulho da dúvida, o barulho dos conceitos indefinidos.

Os grilos do pensamento de Marciano regurgitavam na cabeleira grisalha de Alberto Pires; até parecia que o menino ainda estava ao lado a repetir a pergunta. O que era mesmo um coronel? O velho arrebatou o vento com o chicote que trazia à mão, atirando-o com força em direção aos porcos que disputavam um sabugo de milho. Coronel, gente que mandava. Mandava em gente, em bichos e na própria terra.

Ele conhecia bem os sentidos dessa palavra, mas a substância dela perdera o gosto. Não mais desejava mandar no que fosse. Que mandassem os filhos, os netos. Queria somente – e não cansava de isso repetir – saborear o tempo que lhe sobrava... Vivia mastigando isso:

– Já não decido mais nada. Vivo para viver!

O caminhão certamente já cruzara muitas curvas a essa altura. O barulho do motor, um vago ruído aos ouvidos mais afinados da fazenda, e Barras do Marataoã, o destino do GMC, também se configurava sob a forma de grilos. À noite eles se ocultavam nos matinhos quase rentes ao chão numa cantiga que era a própria noite. Na escuridão insone, importunavam como as incertezas do tempo. Barras do Marataoã, em seu desenho de poucas ruas, era sim como grilos.

Alberto bateu com os dedos sobre a fronte, esfregou os olhos; pequena irritação se apoderava de si. Igual a outras vezes, ela vinha do vazio, das

inexplicáveis buscas de respostas para o dia de amanhã. Mas por que se ocupar com dúvidas sobre o futuro, se o seu já chegara?

Ainda que buscasse paz de espírito, a fim de prolongar cada dia, duvidava que os bisnetos conseguissem viver do campo. Gente demais e tão pouco a dividir. Sobravam-lhe dez mil hectares e muita gente para herdar. A vida seria nas cidades – vida de escolas, eletricidade, automóveis, rádio. Não iriam querer disputar espaço com árvores, bichos e escuridão.

Barras ainda seria grande. Muitas ruas, muitas casas, mas Alberto desacreditava que ela conseguisse reviver os tempos de Firmino e de Joaquim Pires. Barras bem crescida em ruas, mas bem menor em expressão. Assim já era desde o golpe de Getúlio. A cidade foi perdendo o prestígio e agora começava a parecer uma capoeira – desde o golpe, desde a perseguição implacável do coronel do Rio Grande aos Pires. Acaso o golpe não ocorresse, Joaquim seria nome certo à presidência. Nome certo.

Desiludido com as tramas que se urdiam na cidade, com as quais nunca se acostumava, por mais que elas fossem banais, e corressem no sangue os fins da UDN, o velho pedia aos filhos, em conselho, nas reuniões familiares que rareavam sem razões de seu conhecimento:

– Não se metam em política. É coisa traiçoeira. Política é para os maus, os perversos, os sem-escrúpulo. Os bons são destruídos moralmente, por mais que façam.

A indignação do coronel eletrizava a areia, suspensa pelo vento em redemoinhos. O ar circulando, circulando, até aparentava transfigurar a raiva, transfigurar a desesperança de uma cidade pacífica e de oportunidades. Quem tinha interesse nisso? Aos que mandavam, o poder bastava.

Não queria mesmo ninguém seu em política. Ninguém metido nas confusões de Barras. Queria médico, advogado, engenheiro. Até fazendeiro tolerava se o destino isso escrevesse. Menos político. Barras era um galinheiro de brigas, desmoralização e interesses. Ocupar a vida nisso para quê? Preferível a paz; preferível até a pobreza.

Alberto sacudia a poeira dos pensamentos, quando se surpreendeu diante da mansidão que se avizinhava, quando se surpreendeu com o reflexo do sol sob os cabelos brancos de Monsenhor Uchoa, que chegava para as desobrigas, na ânsia da conversa regada ao café de dona Alzira. Sequer o Monsenhor desceu do cavalo, inquieto para falar, disparou:

– Boa tarde, coronel! Coronel, pobre só se livra de injustiça e perseguição quando morre.

Parece que juiz, delegado, vereador e tudo o que é autoridade, menos padre, só gosta é de dinheiro.

Alberto nem quis tomar conhecimento do resto da história. De aflições, estava cheio. Lembrou-se de que era coronel; coronel de carreira tirada, mas coronel, e tratou exclusivamente de dar as boas-vindas:

– Pois vamos ao café para esfriar as ideias!

- 24 -

A CIDADE DE ÁGUA NAS VEIAS

Mormaços de nuvens fechavam a tarde, sufocavam os pulmões e cobriam a vista lúgubre de galhos empiçarrados e secos, até que o caminhão deixasse atrás as primeiras casas esparsas da zona urbana. Marciano imaginariamente buliu no cofo de palha. Buliu, buliu – a franga piou. Ele sorriu por dentro. Vivinha e com sede. Sorriu por fora e agitou-se na cabine, quando o automóvel subiu os primeiros metros de paralelepípedos no morro da Rua Grande. O morro que marcava a grandeza da cidade; outro morro marcando os altos e baixos que separavam terras e gentes.

Tão logo atingiu a ladeira da Rua Grande, já pavimentada há alguns anos, o menino estirou as pernas e encheu-se de fôlego ao ver de longe detalhes da Igreja: o relógio numa das torres laterais, o alinhar-se visual de ambas as torres, o Cristo de braços abertos. Estava mesmo em Barras. Olhava tão demoradamente que não sentiu o caminhão costurar as curvas da Rua da Tripa, nem Genésio tirar do alto da carga de babaçu o

cofo de palha que aprisionava a pedrês, muito menos as mercadorias da casa de Barras, embora o cheiro dos beijus de farinhada, de que tanto o pequeno gostava, estivesse entranhado no ar como o perfume dos jasmims do quintal da bisavó, o perfume que se pregava até no estômago.

Tomaz apertou o freio, desligou o motor, engatou uma marcha, correu a mão na testa suada e disse:

– Em casa, coronel Custódio!

– Já não era sem tempo, Tomaz. Não vejo a hora de levar esses meninos de volta pra casa. Saudade de mãe é saudade que mata.

Marciano saltou da Boleia antes mesmo que a mulher prenhe descesse e foi repreendido pelo avô:

– Velhinhos e mulheres é pra se respeitar, seja quem for. Ainda mais mulher em dias de parir. Se acalme. Barras não vai sair do lugar!

Os olhos de Marciano cresceram, merejados de água, e nada disse.

O avô repetira meia dúzia de vezes, a paciência quase esgotando, que já, já, os meninos entrariam pela porta da casa dos pais, a casa no pedaço da Rua Grande conhecido como Rua do Caquengo, onde uns pretos vendiam pipoca em cacos de cuia. Já, já, veriam, ele e o irmão, o próprio abrigo e o afeto dos mais próximos, depois de trinta dias de férias na Aurora. Mas não

os levaria para casa sem antes se assearem. Marciano soube disso e esqueceu a pressa; o mergulho no Marataoã, logo ali, no fundo do quintal, era razão para largar tudo, para tudo esquecer. Ia mesmo banhar no rio.

Custódio desceu para a beira do rio. Os apetrechos todos – o sabão, a toalha e o pente – já nas mãos de Genésio, os pequenos correndo à frente. Coronel esperou a lavandeira, que de saída estava, retirar-se das margens. Tinha que esperar para ter a privacidade necessária ao banho. Eram muitas as mulheres que ganhavam a vida assim – o dia inteiro lavando roupas em largas pedras, no ponto em que a casa do major colhia a água para lavar as louças, no ponto em que os da casa se banhavam.

Barras ainda sonhava com água encanada e os políticos prometiam que ela não tardava. Água para beber, banhar e cozinhar saindo de canos no interior das casas, como já existia em Teresina e Parnaíba. Enquanto ela não corresse por canos, a cidade se abastecia do Marataoã, de olhos d'água e das ancoretas carregadas no lombo de jegues. Não raro, meninos cruzavam as ruas, tangiam jumentos que transportavam o líquido para encher os potes nas bilheiras. Meninos vendendo água de porta em porta.

Coronel esfregava as costas com bucha de esponja, retirada de uma cerca, e botava sentido

nos meninos. Marciano mergulhando, mergulhando; a todo custo, procurava enxergar em vão alguma coisa no fundo do rio, indiferente às advertências do avô:

– Não vá chegar à casa de Margarida com dor de ouvido, nem dar trabalho logo hoje, no dia do retorno, que ela está coberta de saudades.

Quem mergulhava agora era o coronel, mergulhava e nadava por extensão maior da praia grande, a área compreendida entre a Ilha dos Amores e os araçás da Prainha. Não havia bênção maior para Barras do que as águas do rio, ainda mais depois da barragem que Chico Luiz construiu há poucos anos. Depois dela, quando rompia o inverno, as correntezas desciam em torrentes violentas e tinha-se mais peixe em abundância.

Major lembrava o dia da inauguração. Era dezembro. Muita gente reunida para a festa que comemorava o paredão de concreto a tornar espessas as águas do Marataoã. No inverno, o rio ficava largo e feroz. Antes da inauguração, curvina, rabo de tesoura e liso já abundavam. Vendia-se surubim pelas ruas como se vendia carne de criação. Iria a barragem acabar com essa fartura? Tolice. Acabava não. No princípio da era de 1950, o governador estava ali para a tradicional pescaria do Marataoã. Liberavam-se as águas da

praia grande para a pesca e a Festa da Padroeira em mais atrativos se excedia.

Pequena mostra do sol sugava os últimos pontos do dia ao sul, onde se concretizava a certeza do dia findo. Custódio, apontando para a margem, gritou aos netos:

– Saiam d’água, que vão já pra casa. Joana Pó vai arrumá-los. E já abraçam a mãe de vocês.

– É já, vô! - disse o menorzinho, sacudindo o cabelo que cobria os olhos.

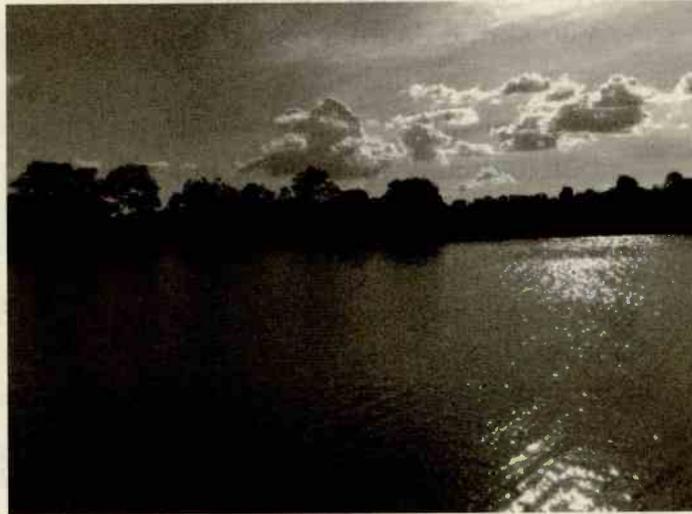
Segurando as mãos do avô, os meninos caminhavam quase correndo e, em companhia de Genésio, que sustentava entre os dedos as embiras amarradas ao cofo de palha de Marciano, desceram a Rua do Caquengo.

A noite seria de luz até às nove, enquanto funcionasse a usina, e o patrão já dissera: demorariam na rua. Da conversa na porta de coronel Lulu, iriam ao bar de Totonha e, de lá, jogariam prosa fora, bebendo cervejas no ambiente de “Mo bem”. Não era todo dia que podiam ir à cidade. Não era.



Valdemar Leite Filho

Rio Marataoã



Autoria desconhecida

Rio Marataoã

- 25 -

DEUSIMAR, DEUS E O MAR

– Mais uma vez, vão virar as costas pra Deus. Nessa cidade, não se teme nem os castigos de Nossa Senhora. Valha-me, Deus! Esse povo não sabe o que faz – disse Deusimar ao bisneto, enquanto prendia uma presilha ao cabelo, após o terço sagrado de todas as manhãs.

– Vão mesmo derrubar a igreja, vovó? – perguntou Marciano, metendo as mãos no bolso, torcendo para a avó dizer que não.

– Vão sim, e daqui a pouco. Nada se pode fazer contra esse absurdo.

– Mas por quê? Por que vão destruir?

– Por maldade, meu filho. Por maldade e ignorância! Como fizeram ao cemitério.

– Qual cemitério, vó?

– Ora, você sabe, porque já viu algumas dezenas de cruzes na Leônidas Melo, e o que sobrou de alguns túmulos. Aquelas cruzes sem nome, esquecidas, ali perto daqueles pés de guabiraba depois dos correios, ali foi o cemitério da cidade por mais de cem anos e destruíram por maldade, por pura maldade. Não duvido é nada

se um dia ali tiver casa. Gente morando em cima dos mortos...

– E quem tava enterrado lá, a senhora conhecia?

– Conheci alguns. Desde quando me entendo por gente, ali já era cemitério.

– Conhecia quem?

– Muita gente, muita gente.

– Quem? Quem?

– Gosto de gente curiosa, mas curiosidade muita atrapalha...

– Ah, vó, quem?

– Nossa gente, nossa gente.

– Nossa gente, quem?

– Deixe de perguntas e abotoe essa blusa, que nós vamos à igreja. Quero fazer minhas últimas orações ali, antes que ela esteja no chão – encerrou a conversa, fechando a porta de acesso ao quintal, de onde o perfume dos jasmims abafava o tempo.

Deusimar vivia de orações, absorvida pelo sonho da vida eterna. Divinamente gorda, sentava-se numa rede, por longas horas, fazendo rosas e rezando. Sua fé era de Barras conhecida. Sua fé, do tamanho do mar. Mulher mais católica que ela estava por surgir. Como rezava. Havia poucos dias, foi até o Maribondo, cantando em romaria para chover, que o ano prometia seca.

Com reza dela – dizia-se do quadro do mercado às preces nas missas – não se podia. A igreja era quase a morada de Deusimar. Ali se demorava todas as manhãs; todos os fins de tarde, quando os sinos repicavam a passagem das horas.

Estava pronta para se despedir do templo que os antepassados construíram. Antes de pisar na rua, procurou o quadro na parede e repetiu a mensagem que o adornava: *O senhor é meu auxílio. Não temerei!* Repetiu a mensagem em voz alta três vezes e mandou que Marciano a lesse e rezasse a salve rainha. O rapaz leu, rezou, mas sem se concentrar: não se desligava dos pesadelos da noite insone em que anteviu o centro sem a igreja. Sentiu as badaladas do sino ressoarem na audição os sons mais tristes já ouvidos.

Naquele dia, o sino da Matriz tocara às seis da manhã, como de hábito. Tocara pela derradeira vez daquele ponto. Marciano despertou com o tilintar preguiçoso na torre da igreja, um tilintar arrastado, rouco, que doía aos ouvidos; um tilintar igual ao peso do próprio sono. Como ele não dormira direito – a noite inteira enfrentou pesadelos, vendo a igreja suspensa nas nuvens – sentia-se sonolento, no ritmo do sino, que parecia não mais querer tocar.

A igreja ficava a poucos passos da casa de Deusimar. Com rigidez e ternura, ela caminhava

trôpega, pendendo o corpo em todas as direções, e segurava firme no braço do rapaz; o rapaz cujas visitas enchiam-na de sorrisos e abrandavam o coração amargurado e solitário. Marciano estava rapazinho e, em casa, teimava em deixar de ser coroinha, contrariando a vontade da bisavó, sem que sequer a beata imaginasse.

Ela se orgulhava quando ele saía da sacristia vestido na bata vinho, coberta por manto branco. O ritual era sempre o mesmo: ajoelhava-se em cumprimento ao santíssimo e sentava-se ao lado do reverendo, na companhia de dois pares de assemelhados. Deusimar andava contrariada com as autoridades, principalmente com o padre Barata, mas queria ver Marciano ainda coroinha.

Ele nem sentiu o tempo passar. 13 anos. Era rapaz. Até outro dia, não passava de um molecote montado em cavalinhos de carnaúba na Aurora, sonhando em ser coronel de terras e bichos. Agora nem queria saber de mato. Vivia mesmo de olho era nas graças das mocinhas que passavam. Vivia de olhos. E como tinha menina bonita em Barras. Marciano começava a sentir vergonha de ser coroinha, mas que a bisavó nem sonhasse. Por que decepcioná-la? Uma hora, ela concluiria que não era mais menino. Era rapaz. Rapaz.

- 26 -

O ALTAR-MOR DA MATRIZ DE BARRAS

Pesavam mais que a manhã os passos de Deusimar. O corpo adiantava-se à frente do espírito; os olhos querendo guardar a derradeira visão do altar, no qual, por graças, ela se penitenciou em demorados rosários.

– É esse reumatismo, Marciano, é esse reumatismo – disse a beata, segurando os joelhos, tão logo percebeu que o mocinho pretendia apressar as passadas. – Segure bem em meu braço, que esse corpo pesa e a calçada é alta – completou o pensamento, fechando a expressão em visível irritação.

– Para a senhora, não tenho pressa, vovó – falou de imediato, embora não conseguisse esconder a vontade de entrar na igreja e saber mais dos segredos que só a bisavó conhecia. – Dona Deusimar, quando levantaram essa igreja, a senhora sabe? – perguntou em tom solene, convicto que se dirigia a uma autoridade, não apenas pelos oitenta anos abençoados, mas principalmente pela convivência dela há décadas com as paredes, os bancos e o altar do templo.

– É muita história, meu filho, muita história nessas paredes de mais de meio metro. Tem uma vida inteira aí. Uma vida em favor de Nossa Senhora e das causas santas. Vou te contar, mas quero entrar logo nessa igreja, porque sei que é a última vez que passo por aquela porta.

Deusimar apertou com todas as forças o terço entre as mãos, sem esconder o nervosismo e a emoção que ruborizavam o fundo dos olhos. Chorara quando o sino tocou cedinho, chorara como se perdesse alguém da família. A igreja era sua família. Para ela viveu, e via o lugar em que mais buscava ânimo para as lidas da vida pronto a desfazer-se como se animal bruto fosse. Nossa Senhora da Conceição estava por perto... que não desamparasse o povo nessa cidade que desandava.

– Barras vai desandar, Marciano! Barras vai desandar! A sina aqui é destruir – opinou em voz ríspida, olhando para todos os rumos, à procura de alguém que pudesse confirmar a opinião. – Você não sabe o quanto isso me dói – finalizou, coçando os olhos; as lágrimas leves descendo na face enrugada.

– Vovó, não chore. Se a senhora chorar, eu também choro. O que temos a fazer é rezar – reagiu Marciano ao desespero que bagunçava o coração da beata; reagiu, disfarçando a tristeza, também nele envolta. – A senhora nada pode mais

fazer, nada – concluiu, ajoelhando-se ao altar-mor, onde Deusimar começava a vencer o terço.

– Salve Rainha, Mãe de Deus... me acompanhe.

– Sim, senhora!

O altar-mor de Nossa Senhora da Conceição de Barras era um dos lugares mais exaltados pelos fiéis, principalmente em dezembro. Nas festas da padroeira, a cidade inchava-se de gente que se preparava o ano inteiro para as oito noites de novenas. A melhor roupa brilhando no corpo, a família toda reunida e, na igreja, multidões espremidas tentando chegar ao altar, após cada novena. No retábulo, os nichos eram ocupados com Nossa Senhora ao centro, sobre o sacrário, ladeada nos demais nichos por Jesus ressuscitado, à direita, e São José, à esquerda. Jarros de porcelana, cobertos de flores, sobre o mármore, contrastavam com numerosos castiçais de prata, nos pés dos quais estava cravada a face de Cristo. No topo do retábulo, a imagem do coração de Jesus, acima do qual se assentava em decoração a própria face do Messias, embriagava de fé quem orava. O altar-mor, ao fundo, era a luz do templo; uma luz que se enfraquecia e, dali a poucos dias, apagar-se-ia para sempre.

Deusimar fez as últimas preces no altar que os antepassados construíram. Fez o sinal da cruz,

levantou-se, pendendo aos lados, olhou para o teto, respirou profundamente como se àquela hora findasse a energia que vibrava entre as paredes em que, desde menina, concentrava-se diariamente a rezar, olhando de quando em vez, do outro lado da rua, a porta da casa paterna aberta para o sol.

Ela chamou o bisneto. Apontou para a lousa na saída da igreja; a lousa que reproduzia o nome do pai-comum de todas as famílias que ainda mandavam. Os restos mortais dele um dia foram sepultados ali, na entrada da igreja, em reverência ao homem que construiu o templo; a casa, agora, prestes a ruir pela ingenuidade, ignorância ou maldade. Custava acreditar que Pe. Barata fosse um homem de Deus. Não tinha era amor pelas coisas da Santa Igreja. Não tinha.

– Venha para casa, Marciano, que tenho presente para você – convocou a velha, tentando recompor-se, agora apressada para estar em casa, onde, entregando a ele espesso livro, pediu que o guardasse carinhosamente, a fim de presentear um dia algum neto. – É seu. Isto pertenceu ao meu pai, que recebeu de meu avô. Guarde com carinho. Leia para mim! – ordenou Deusimar, como se desejasse esquecer o destino que aguardava a igreja; ordenou, marcando com uma folha seca a página 417. – Leia alto! – reiterou a ordem.

Marciano, tomado de curiosidade, queria conhecer a história do homem sepultado no interior da igreja, e leu em voz estridente:

“A capela do Santíssimo Sacramento da matriz da vila de Barras foi edificada à custa de José Carvalho de Almeida, como é sabido e consta de uma alegação sua, numa petição que em 1668 dirigiu à assembleia provincial.”

A bisavó ouvia atentamente, mesmo que o trecho estivesse, para ela, quase decorado. Ele fez uma pausa para respirar, saltou algumas linhas e continuou:

“Em julho de 1868, requereu à assembleia provincial que, quando viesse a falecer, e seus herdeiros o quisessem sepultar na igreja por ele construída e da qual fora administrador por espaço de mais de trinta anos, fossem os mesmos revelados da multa de 500\$000. de que trata a lei provincial nº 549, de 21 de julho de 1864.”

Ele parou a leitura e releu duas vezes, para assimilar bem a novidade. Ia fazer perguntas à avó, quando decidiu continuar:

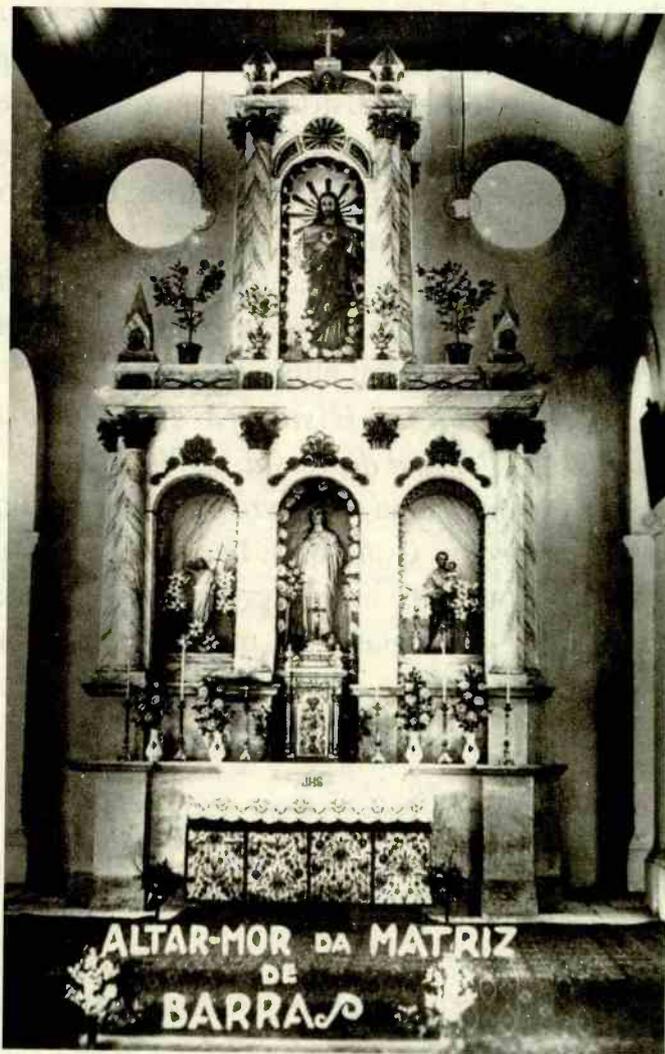
“Em consequência disso, a assembleia confeccionou a lei nº 646, de 20 de agosto de 1868, permitindo que se desse sepultura a José Carvalho de Almeida na igreja matriz da vila de Barras, quando ele falecesse”.

Absorvido por súbita tristeza, Marciano olhou para a bisavó, que cochilava, e fechou o livro. Era seu. Um dia presentearia um neto que se interessasse pela história. Pena que a igreja seria apenas uma lembrança e muitos duvidariam até que ela existiu; quem diria se existira José Carvalho de Almeida...

Ele pressionou a mão sob a capa do livro, tirando dele a poeira que o fez espirar e despertar a avó. Abraçou-a e leu alto o título do livro:

– *Cronologia Histórica do Estado do Piauí. F. A. Pereira da Costa. 1909.*

Era seu. Tinha um livro que falava como Barras começou. Contaria a história para muita gente, com ou sem a antiga igreja; mas bonito era se ela ainda continuasse lá, para certeza de que não estava mentindo.



Acervo Mariel Cerqueira

Altar-mor da antiga Matriz de Barras-PI, demolido em 1963

- 27 -

O COVEIRO DO CEMITÉRIO DA CONFRARIA

– Primeiro o cemitério. Tenho até vergonha de dizer o dia... Tenho vergonha. Agora neste ano de 63 é a vez da igreja. Esse povo não tem mais juízo não, compadre? – perguntou Epitáfio a Genésio, tão logo se peitaram entre a multidão que começou a chegar cedo ao adro da Igreja, para o espetáculo da salvação do Cristo.

– Compadre, fico é me perguntando se sua vida de coveiro valeu a pena. Deixar a vida na Aurora pra se meter enterrando tudo de quanto é espécie de defunto... Depois de enterrar tanta gente, ver o antigo cemitério fuçado daquele jeito e ficar de cara pra cima, sem ter o que fazer – respondeu Genésio, desviando-se do assunto, com uma afirmação em tom de pergunta, enquanto enrolava no papel o fumo que acalmava a agonia das horas, após a longa madrugada estrada adentro, em companhia do patrão Custódio e de Antônio Preto. – Dona Alzira não fala noutra coisa na fazenda que lamentar o estrago no cemitério e agora essa barbaridade.

– Melhor morar na cidade enterrando enfraquecido que quebrar coco e fazer roça. A

minha enxada é maneira, compadre. Só não me conformo é com tanta gente enterrada no cemitério da confraria e ninguém vai ter nem lembrança... Olhe, não tá faltando serviço, não, tenho é trabalhado desenterrando ossos pra levar pro cemitério novo.

– E é, compadre? O diabo era quem queria uma vida dessas. Sou mais fazer parto de vaca que carregar tuberculoso.

– Ontem mesmo veio uma mulher de longe, do Rio de Janeiro, aparentada do major, querendo que eu arranque os ossos dos pais dela.

– E quem era compadre?

– Da família do major... Minha filha mais velha anotou o nome e o que tá escrito na pedra de mármore que a sinhazinha guardou lá em casa. A pedra fica lá até eu levar pro cemitério novo... Ela anotou ontem no maço de uma carteira de cigarro e ando com o danado aqui no bolso. Tu que é entendido mais que eu, lê pra gente.

Genésio não conteve a curiosidade e imaginou-se dando a notícia a Custódio. Parente dele visitando a cidade. Seria gente conhecida? Como havia o povo antigo todo no Cemitério da Confraria, desde quando Barras começou, era quase certo que não; não conhecia. Quase avançando nas mãos de Epitáfio, ele recolheu o papel e, retirando-se para um canto da praça em

companhia do amigo de longas datas, começou a ler em voz alta:

**“O tnte cel Luiz de Sousa Fortes
nasceu a 18-2-1836
Casou-se com
D. Felisbela Joaquina de Jesus Fortes
a 5-6-1858
falecendo a 9-6-1875
esta nasceu a 12-10-1840
faleceu a 23-11-1889
deixaram 5 filhas
sendo esta colocada
sobre os restos mortais
de seus estimados Pais
em sinal de eterna recordação
pela estremosa filha
Roza Pires de Carvalho”**

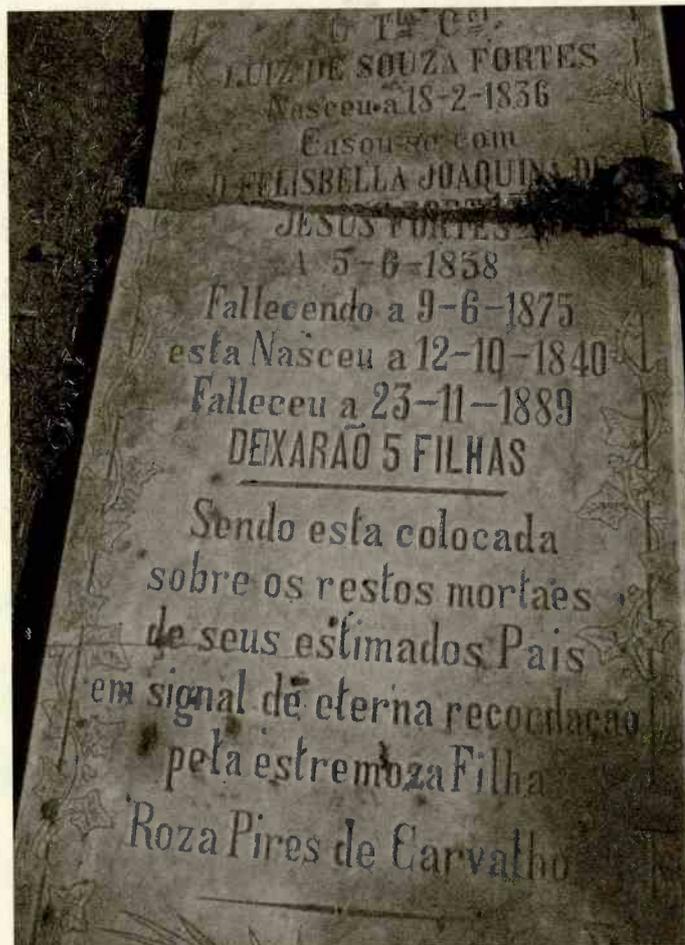
– Conhece, compadre?

– Nunca ouvi o nome, mas vou contar pro coronel.

Genésio iniciava a falar das novidades da fazenda: a secura nos olhos d’água, o casório da filha mais nova, as caçadas no Morro da Bomba... A fala fragmentou-se assim que o caminhão de Ernesto Castelo Branco parou em frente à Igreja e os moradores espalhados começaram a se juntar

exatamente em frente ao Templo. Do automóvel, desceu meia dúzia de conhecidos. Gente da roça como Genésio. Gente de força. O que fariam ali? Também ajudariam a derrubar as paredes da igreja? Ou a salvar o Cristo?

Epitáfio fitou Genésio e entendeu a dúvida no franzir da testa do amigo. Eles desligaram-se da conversa e rumaram para o cruzeiro, a fim de ver o que aconteceria.



Dário Lages Monteiro

Lápide no Cemitério São José

- 28 -

CRISTO EM PÓ

– Compadre, eu estava lá no dia em que decidiram! Dona Deusimar ficou brava; as beatas da Rua Grande todas praguejaram. Não derrubariam não, mas padre tem poder – explicou Epitáfio para Genésio, esfregando a mão esquerda na testa.

– E foi o padre quem decidiu?

– Não, não foi.

– E quem decidiu?

– Quer dizer, foi. Fizeram uma reunião grande na igreja. Tinha gente que nem eu conhecia; eu, que sei quem é pai de quem nessas Barras. Nunca pensei que quissem derrubar uma construção dessas só pra fazer uma nova, mais bonita.

– E o que decidiram lá, compadre? Foi só dona Deusimar que soltou os cachorros?

– Não, foi não. Era muita gente contra. Mas o padre perguntou: “Quem é contra?”. Muita gente era, que ele nem conseguiu contar direito. Então, perguntou de novo, mandando o povo se separar. Quem era contra ficava de um lado; quem

não era, do outro. Quem é que vai ficar contra padre, compadre?

– Pois é? Quem?

– Não deu outra. Quem era contra votou a favor e passou de lado, menos eu, dona Deusimar, as beatas da Rua Grande e meia dúzia de mocinhas. Eram contra e pronto. Então, tava certo que a igreja ia ao chão pra construírem uma nova, “antes que a velha caísse sobre a cabeça de alguém”, como dizia o padre Barata.

– Lá pensei, sô, que o negócio tinha se dado assim.

Epitáfio prolongaria a conversa em detalhes ocultos, pormenores somente conhecidos por quem se enfurnava como ele nos movimentos da igreja. Prolongaria, não tivesse Ernesto gritado por ele, que mais ajuda nunca é desnecessária quando se necessita de força. Epitáfio era homem de cinquenta anos, mas não perdera ainda o vigor da juventude. Nem sequer possuía cabelos brancos e dona Quitéria já nem reclamava das namoradas que lhe surgiam. Era cabra de força e foi logo ajudando a esticar o cabo de aço e a retirar os pneus velhos da carroceria do automóvel.

No Patronato, quase à frente da igreja, as professoras retiraram das salas de aula todas as crianças. Elas presenciariam um grande fato histórico. O velho daria lugar ao novo, mas era

preciso salvar o Nosso Senhor. E Quem estava ali rezava para que o Cristo fosse salvo. Os mais peraltas perguntavam sem parar: “Fessora, e se cair no chão?”. E recebiam ordem para se calarem e não saírem dos lugares em que se localizavam. Ele mergulharia sobre os pneus, rodeados de palha de arroz e algodão, para suavizar a queda e evitar algum dano. Era uma unanimidade que Cristo se salvaria.

Marciano não quis ir à praça. Nem Deusimar. Para quê? Só para ficarem mais tristes e sentirem-se menores, porque nada podiam fazer?

Oito e trinta da manhã. Prendeu-se o cabo de aço no caminhão de Ernesto. O cabo já envolvera todo o corpo do Cristo. Genésio e Epitáfio, entre os que se certificavam de que pelo menos o santo se salvava. Quem duvidaria? Mediram-se os ângulos. À direita, à esquerda, ao centro. Ele cairia sobre os pneus e, dali a poucos meses, enfeitaria a nova igreja.

Ernesto entrou no carro. Pôs a chave no contato e começou a acelerar. Hesitante em movimentar o caminhão, como se avisado fosse de que a missão ficaria pela metade. Parou, repentinamente, à espera que as orientações de alguém com maior ângulo de visão lhe encorajasse.

– Pode vim; pode vim, seu Ernesto – gritava João da Concebida, gesticulando para que o amigo girasse o volante à esquerda. – Bem devagar! Bem devagar! – orientava otimista, de olho na rigidez do cabo e na distância entre os pneus e o adro da igreja, certo de que o Cristo despencaria no lugar certo. Quem duvidaria?

O caminhão acelerou e, como galhos de árvore apodrecida, os quais se partem do alto em tempestades, o Cristo despedaçou-se; despedaçou-se a alguns metros antes de onde deveria acomodar-se. Despedaçou-se no calçamento, sem pneus, algodão ou palha de arroz que evitasse. O estrondo dividiu a multidão curiosa e surgiu, em uma rapidez de assustar, gente de todas as ruas, às lágrimas, querendo levar para casa uma parte de Nosso Senhor, desfeito em minúsculos pedaços e em pó. Estava feito. Que a obra começasse. Em sessenta dias, as largas paredes da igreja da matriz seriam pó como já era o Cristo.

Na Rua do Caquengo, a vendedora de espanadores, descontente com o espetáculo, parou à porta de Marciano, avisando dona Margarida:

– Cristo se esfarelou, dona Margarida!

Marciano, recluso ao quarto, às voltas com as páginas da história do Piauí, parou para ouvir a versão da vendedora, mas nada entendeu além

da notícia esperada, e ocorreu-lhe a bisavó repetindo:

– Barras vai desandar! Barras vai desandar! Aqui não se teme nem os castigos de Nossa Senhora.

Veio-lhe nas entrelinhas da leitura o nome do construtor da Matriz. Quantos anos Carvalho de Almeida sonhando com a igreja do jeito que era... Do quarto, tentou novamente ouvir a voz baixa da vendedora de espanadores. Inútil... Abriu a página que marcara dobrando a ponta e leu:

“José Carvalho de Almeida nasceu no termo das Barras em 1770, e era filho dos abastados fazendeiros Antônio Carvalho de Almeida e sua mulher dona Ana Maria da Conceição.

Alistara-se na milícia da capitania em 1793, ocupava o posto de tenente do regimento de infantaria do termo de Campo Maior, em 1823, quando foi proclamada a independência, em cujas lutas muitos se distinguiu, dispensando a percepção de seus soldos de campanha. Promovido a capitão em 1844, foi depois nomeado coronel comandante superior do município das Barras, e em 1863, foi reformado no mesmo posto”.

Marciano fechou o livro. Fechava-se também a igreja, onde se dizia que vaqueiros

viram em tempos remotos a imagem de Nossa Senhora no morro em que existira a fazenda do dono de Barras. Fechava-se a história de várias gerações onde construíram um dia a Matriz de Nossa Senhora da Conceição das Barras, no morro da casa-grande.

A manhã ia encorpando-se maior que o coração do desejo.



Tibor Jablonsky

Igreja Matriz de Barras (PI), demolida em 1963

O autor é poeta, cronista, professor e editor. Publicou os livros de poemas “Mais hum” (1995), “Colmeia de concreto” (1997), “Os olhos do silêncio” (1999), “O sabor dos sentidos” (2001) e “Adiante dos olhos suspensos” (2009). Publicou também o livro didático “Texto argumentativo – teoria e prática” (2007), o ensaio “A metáfora em textos argumentativos” (2001) e “Entretextos - artigos e entrevistas” (2005).

Edita, desde 2004, o Portal Entretextos (www.portalentretextos.com.br), que reúne expressivos nomes da literatura brasileira e portuguesa.

Como professor há quase duas décadas, atua orientando estudantes pelos caminhos da palavra escrita no Laboratório de Redação Professor Dílson Lages (www.dilsonlages.com.br/cursos).

Dílson Lages Monteiro nasceu em Barras-PI, em 1973. A cidade natal é um dos temas recorrentes tanto na poesia quanto na prosa de ficção que produz. O morro da casa-grande marca a estreia do autor no gênero romance.

*(...) fechava-se a história de várias gerações onde construíram
um dia a Matriz de Nossa Senhora da Conceição
das Barras, no morro da casa-grande.*